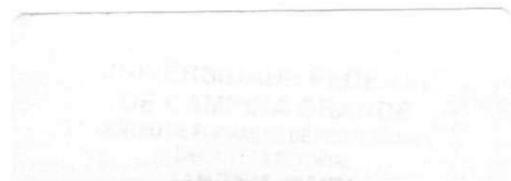


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU ESPECIALIZAÇÃO EM
ESTUDOS LITERÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS.**

JANIRA SEVERINA AMORIM DA SILVA LIRA

A LITERATURA INFANTIL E O GOSTO PELA LEITURA: ALGUMAS ANÁLISES

**CAJAZEIRAS-PB
2008**



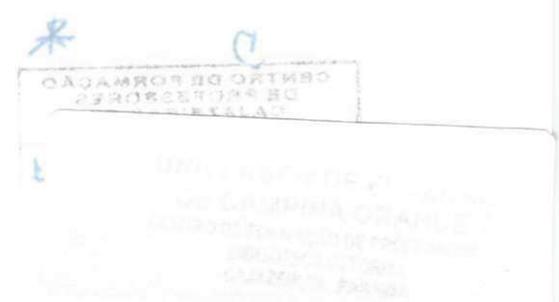
JANIRA SEVERINA AMORIM DA SILVA LIRA

A LITERATURA INFANTIL E O GOSTO PELA LEITURA: ALGUMAS ANÁLISES

Dissertação de Especialização apresentada ao programa de pós-graduação em Estudos Literários pela Universidade Federal de Campina Grande em cumprimento às exigências para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria Janete de Lima.

**CAJAZEIRAS-PB
2008**





L7681 Lira, Janira Severina Amorim da Silva.
A literatura infantil e o gosto pela leitura: algumas análises / Janira Severina Amorim da Silva Lira. -
Cajazeriras, 2008.
48f.: il.

Monografia (Especialização em estudos literários) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.
ISBN (broch.)

1. Literatura infantil. 2. Leitura. 3. Especialização.
4. Análise literária. 5. Morte e vida Severina. 6. Auto da compadecida. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal da Paraíba. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 82-93

A literatura infantil e o gosto pela leitura algumas análises

Janira Severina Amorim da Silva Lira

Monografia aprovada em 07/11 / 2008 como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em ESTUDOS LITERÁRIOS, da UFCG – Centro de Formação de Professores/ Unidade Acadêmica de Letras, com a nota 8,0 (oit0) pela seguinte banca:

Orientador: Maria Janete de Lima (Ms)

DR. ANDRÉY PEREIRA DE OLIVEIRA
(Argüidor(a))

Dr. José Sandoval Gonçalves de Sousa
(Argüidor(a))

**Cajazeiras, PB
2008**

“O sorriso, a alegria duma criança que lê, que ouve estórias, que brinca, compensa a luta que possamos ter, para que aquele sorriso e aquela alegria existam. E compensa ainda, a sua certeza íntima de que estamos abrindo novos horizontes e possibilidades para centenas de crianças, através da leitura. Estaremos ensinando quanto vale o livro; dando-lhe o hábito da leitura fazendo-as amar o livro estaremos assimilando responsabilidades e cumprindo o nosso dever para com as gerações que formarão os homens de amanhã.”

Denise Fernandes Tavares.

AGRADECIMENTOS

O ato solidário e incentivador deste trabalho foi conduzido por gestos de amizade, apoio e estímulos. Soprados das mais diversas direções, eles são partes constituintes desta pesquisa e agora são convertidos em reconhecimentos.

- Agradeço inicialmente a Deus, força maior e transformadora.
- À professora Maria Janete de Lima, minha orientadora, que em seu mar de conhecimento mergulhando neste trabalho aportou na minha praia para salvar um barco a deriva;
- Ao professor José Wanderley A. de Sousa, que de certa maneira me inspirou e me ajudou a me decidir por este tema, com suas aulas e seu entusiasmo pela Literatura Infantil;
- Ao professor Andrey Pereira de Oliveira, Pela acolhida para a orientação deste trabalho, embora contando com outra orientadora, muito contribuiu para este trabalho;
- À professora Naelsa Araújo Wanderley, de quem eu só recebi incentivos e compreensão durante este curso e aos demais professores que contribuíram com seus conhecimentos, incentivos e dedicação ao percurso desta caminhada.
- Aos colegas da Especialização, Arimatéia, Fabíola, Idiane, Ijares, Iracema, Iraneide, Rogênia, Sônia, Vanalúcia, Wanessa, pelos estudos, discussões, alegria partilhadas, sucessos divididos e companheirismo existente no decorrer do curso;
- À Creuzinha, cuja amizade e compreensão foi essencial no resultado deste trabalho;
- À professora Zuleide, pela boa vontade, sensibilidade e carinho na revisão deste trabalho;
- Às professoras, às gestoras e aos alunos das Escolas Desembargador Boto e Escola Profissional Monte Carmelo, pela colaboração concedida à pesquisa de análise deste trabalho.
- Às minhas filhas Isabel e Ana Paula, que são minhas principais e constantes incentivadoras dos meus projetos de vida.
- E finalmente aos meus alunos, cujos certamente serão os maiores beneficiados com este trabalho.

Aos meus pais, Ana e Ciro, pelas lições de vida. Aos meus alunos, cujos me despertaram por este tema, e às minhas filhas Ana Paula e Isabel, que com este trabalho foram motivadas ainda mais a lerem narrativas infantis, chegando até a adquirirem um “vício de leitura”, sem conseguirem dormir antes de fazer alguma leitura, o que muitas vezes, confesso que me deixou preocupada e até mesmo dividida entre o manuseio do livro e do terço, antes de dormirem. Confesso com o perdão de Deus, que às vezes senti-me mais satisfeita pelo livro do que pelo terço, pois sabia que estariam assim desenvolvendo um hábito saudável e muito importante na vida; aquelas crianças, que certamente com sabedoria e motivação que a leitura lhes causariam, continuariam a ler também textos bíblicos, contidos no primeiro e mais importante livro para a humanidade — A Bíblia Sagrada.

DEDICO

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
1 INTRODUÇÃO.....	08
2 CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO MUNDO.....	11
2.1 Literatura Infantil.....	17
3 CAPÍTULO II – A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	22
3.1 Monteiro Lobato e a Literatura Infantil.....	25
3.2 Literatura Infantil Contemporânea no Brasil.....	29
3.3 Literatura Infantil na Escola.....	32
4 CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
4.1 Estudo de Caso.....	38
4.2 Análise das observações e entrevistas realizadas com os alunos.....	38
4.3 Análise dos questionários aplicados para os professores.....	41
4.4 Análise dos questionários respondidos pelos gestores.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6 REFERÊNCIAS.....	47
ANEXOS.....	49

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a prática da literatura infantil na sala de aula e o gosto dos educandos pela leitura, partindo de algumas análises realizadas em duas escolas da rede estadual de ensino, da cidade de Cajazeiras, cujo publico alvo foram alunos do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, das Escolas Desembargador Boto e Profissional Monte Carmelo. Para estas análises, optamos pelo *estudo de caso*, e para a coleta de dados, utilizamos a *observação*, partindo de registros realizados simultaneamente à observação, associado a outros procedimentos de análises como o questionário direcionado aos professores e aos gestores das escolas e uma “entrevista interativa”, que foi realizada com os educandos com o objetivo principal de pesquisar e compreender a prática da literatura infantil na sala de aula e o gosto dos educando pela leitura. O estudo mostra que as escolas analisadas não encontram-se muito distanciadas de práticas metodológica, literárias que os teóricos sugerem, pois neste trabalho constatou-se um tempo considerável para essa prática literária na sala de aula. Quanto à metodologia desenvolvida foram relatadas maneiras diferentes de trabalhar a leitura e a escrita, assim como foram citadas variedades de gêneros literários, tanto na sala de aula como nas bibliotecas, cujo acervo é composto de literatura infanto-juvenil. As professoras ao se posicionarem a respeito da importância da literatura na sala de aula mostraram-se concordar plenamente que a literatura é por demais importante no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Literatura Infantil. Formação. Leitura. Livro. Monteiro Lobato, Perrault.

ABSTRACT

This work is a study on the practice of children's literature in the classroom and taste of students on reading, starting with some analysis conducted in two schools in the state system of education, the city of Cajazeiras, as well as students of 1st and 2nd years of elementary school, Schools and Vocational cancellations Boto Mount Caramel. For these tests we chose the case study, and to collect data, use the observation, made while records from the observation, combined with other procedures such as analysis of the questionnaire directed at teachers and managers of schools and an "interactive interview", Which was performed with that in educating as the main objective research and understand the practice of child literature in the classroom and educating the taste of reading. The study shows that schools analyzed, they are not very far away from methodological practice literary theorists suggest that, because this work it is a considerable time to review this practice in the classroom. As the methodology developed was reported differently to work on reading and writing, and were cited variety of literary genres, both in the classroom as well as at libraries, which the body is composed of children and juvenile literature. The teachers when positioned on the importance of literature in the classroom seemed to be fully agree that literature is far too important in teaching learning process.

Key-words: Infantile literature. Formation. Reading. Books. Monteiro Lobato. Perrault.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo que tem como tema A LITERATURA INFANTIL E O GOSTO PELA LEITURA, assume a proposta de observar e analisar a aceitação pelos alunos, das atividades desenvolvidas com a literatura infantil, e ao mesmo tempo verificar a metodologia de ensino que a escola desenvolve para trabalhar a literatura para crianças. Assim como pesquisar o acervo da biblioteca da escola, que visa proporcionar ao educando, acesso aos mais variados gêneros literários e ainda oferecer subsídios para a formação cognitiva, levando-os a adquirir o gosto pela leitura ao descobrir o prazer do conhecimento, pela prática da literatura infantil. Dessa maneira, este trabalho foi realizado em duas escolas da rede estadual de ensino, contando para observação e interpretação de entrevista, o *estudo de caso* cuja análise pode investigar quatro salas de aula; sendo duas do 1º ano e duas do 2º ano, de alunos do Ensino Fundamental, que muito contribuíram para esta análise.

Consciente da importância da leitura como elemento formador e transformador de opiniões, isso nos levou a realizar este trabalho, cujo propósito é pesquisar a prática literária nas escolas, e a partir desta pesquisa, viabilizar meios para a formação do leitor e como é da nossa intenção estudar esta temática, relacionando-se com a nossa prática de educadora do Ensino Fundamental. O que nos fez despertar mesmo para a realização deste trabalho foi sobretudo, a necessidade de encontrar meios que pudessem contribuir para a superação das dificuldades e falta de hábitos de leitura e escrita, apresentados pelos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Nesta temática a problematização vai ganhar consistência a partir da interpretação de alguns professores, no que se refere à aprendizagem de seus alunos, com a colaboração da Literatura Infantil.

Cientes de todos os problemas relacionados com a aprendizagem, e objetivando mostrar nossa preocupação com a construção da cidadania de nossos alunos, buscamos, meios que nos façam compreender a prática do uso do texto literário trabalhado nas salas de aula, para então, nos agilizarmos de recursos que possam ajudar a despertar nos professores a significação de se trabalhar as dificuldades dos nossos educandos, de uma forma prazerosa para o professor e para o aluno. O nosso interesse, então é o aproveitamento dos textos literários na sala de aula, mais especificamente as contribuições das histórias infantis, utilizadas como recurso didático, proporcionando situações positivas de aprendizagem.

O presente estudo está dividido em quatro capítulos. Primeiramente foi abordado as Considerações da Literatura Infantil no Mundo, onde pretendemos relatar informações referentes à verdadeira origem da Literatura Infantil e seus precursores, como Charles

Perrault, os irmãos Grimm e Christian Andersen; assim como, de que fontes foram extraídas as narrativas que deram origem aos contos maravilhosos, nascidos de relatos da cultura céltica, oriental e européia. Neste primeiro capítulo mostramos ainda o valor que a literatura infantil exerce sobre as pessoas e principalmente a criança, enriquecendo o mundo mágico ou sobrenatural que naturalmente já é construído de sonhos e fantasias. Sendo assim, levamos em consideração que literatura para crianças contribui para sua felicidade, desvendando seus sonhos, valendo-se também para sua auto-realização pessoal e seu auto-conhecimento através de narrativas dos contos maravilhosos, que inicialmente tinham outros propósitos e que só depois destinaram-se à nossas crianças.

No segundo capítulo abordaremos a Literatura Infantil no Brasil, partindo inicialmente da produção literária no nosso país, que surgiu mais ou menos pelo mesmo viés da literatura infantil na Europa, sem preocupações destinadas ao público infantil, dirigindo-se aos leitores mirins, só nos finais do século XIX, quando começa mudar a metodologia da prática de ensino é que os textos literários passam a assumir um novo papel na vida de nossas crianças.

Se *Charles Perrault* pode ser considerado o pai da literatura mundial, *Alberto Figueiredo Pimentel e Monteiro Lobato* também assumem a paternidade da literatura aqui no nosso país, sendo Monteiro Lobato dono de uma paternidade mais original, pois este é criador de uma literatura com raízes européia, africana e indígena, dando origem a uma cultura literária bem brasileira. Sem deixar de lado o precursor da literatura infantil no nosso país, Pimentel também encantou nossas crianças com seus *contos de carochinha*, cuja coletânea é adaptada dos contos da literatura mundial, passando a ser os contos maravilhosos brasileiros.

Nas décadas de 60 e 70, com a formação de uma nova sociedade brasileira, já com característica de uma sociedade capitalista, o Brasil caminha rumo à produção cultural, partindo do aprimoramento de novas instituições escolares que participam ativamente na produção, distribuição e divulgação de livros infantis, formando assim uma literatura infantil contemporânea, que foi representada inicialmente por grandes escritores brasileiros, que se atreveram a escrever livros com narrativas para crianças como: *Clarisse Lispector, Vinicius de Moraes, Viriato Correa* e outros, que até hoje seus livros infantis são lidos nas escolas brasileiras, buscando firmar um compromisso pedagógico e ao mesmo tempo servindo de entretenimento, através de suas narrativas fantásticas e imaginárias, mas que enquanto modalidade literária é também usada como objeto acadêmico.

E no terceiro capítulo constam as análises dos dados coletados na pesquisa realizada nas escolas, com professores, alunos e gestores escolares da rede pública de ensino do Estado da Paraíba. Para estes procedimentos metodológicos foram utilizados o estudo de caso,

valendo-nos de observações realizadas com registros feitos imediatamente, em fichas de observações e ainda utilizando-nos de outros procedimentos, como questionários direcionados aos professores e gestores, com a intenção de analisar a metodologia aplicada no trabalho com a literatura infantil na sala de aula e investigar o acervo de obras literárias, a frequência do público leitor e a disponibilidade do funcionário disposto a atender os alunos, quando estes procuram a biblioteca para realizar a prática da leitura. E para análise da aceitação e o gosto dos educandos pela literatura infantil e conseqüentemente pela leitura, foi realizada uma entrevista interativa, onde o aluno ilustrou cada ícone relacionado às perguntas feitas respondendo, manifestando suas reações e interesses pela literatura, através de respostas interativas, como constam nos anexos deste trabalho.

E por fim o último capítulo deste trabalho consta da conclusão. Acreditamos que como esta pesquisa nos despertou para a compreensão do processo de aquisição da leitura e da escrita poderá também despertar para o interesse daqueles que dela possam vir a se utilizar, contribuindo assim para o entendimento da importância da Literatura Infantil como objeto (trans) formador das modalidades acadêmicas e literárias. Portanto, é de interesse desta pesquisa e pretensão nossa, acreditar que possamos, por meio deste estudo, colaborar de forma positiva, oferecendo subsídios capazes de sensibilizar aqueles que participam e preocupam-se diretamente e indiretamente da formação de leitores nas nossas escolas. Por tanto tentaremos mostrar as contribuições que os contos as lendas e as fábulas podem oferecer ao leitor mirim para o seu desempenho escolar.

2 CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO MUNDO

O conto nasceu do povo e foi feito para ele. “É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamento. Para todos nós é o primeiro leite intelectual”.

Câmara Cascudo.

A Literatura Infantil nasceu historicamente na França, no século XVIII, pelo então contador de histórias *Charles Perrault* – o autor dos contos clássicos infantis, que na verdade foram criados inicialmente para adultos, e que com o passar dos anos destinaram-se também aos pequenos e que até hoje continuam agradando a gregos e troianos.

A Literatura Infantil mundial tem sua origem que perde-se na poeira dos tempos. Isso é confirmado no século XIX, quando são utilizados cientificamente estudos de literatura folclórica e popular no mundo, daí surgem muitas controvérsias por estudiosos do assunto, que tinham como objetivo descobrir a verdadeira origem da literatura maravilhosa, cuja produção era anônima e coletiva, mas que continuava viva entre o povo; povo esse que testemunhava os valores da língua falada e escrita, revelando a verdadeira maneira de ver e sentir a vida. (CADEMARTORE, 1994, CARVALHO, 1983).

Informações obtidas pelos pesquisadores referem-se a séculos A.C.e essa literatura é originária de fontes orientais e célticas, que foram confundidos por textos de origens européias, pelo fato de serem textos parecidos, apesar de suas produções terem sido narradas num espaço geográfico bastante distinto, porém com peculiaridades parecidas, o que nos leva a crer que a literatura popular é universal, sem fronteiras, sem distinção de idade; com o único propósito de encantar e distrair a humanidade. De modo geral essas obras têm como características desenvolver a capacidade de romper a barreira do tempo e do espaço, preservando a atualidade. (COELHO,1987).

Conhecer a origem da Literatura Infantil é reconhecer a grandiosidade e contribuição para o público leitor, onde suas narrativas, retratam questões universais com habilidade, talento e sensibilidade da palavra, expressando assim belíssimas lições de vida e de amor, essencial para o nosso crescimento e amadurecimento, através de personagens e temas que despertam curiosidades, interesses e as emoções mais nobres que o homem possa sentir insinuando a genialidade e descobrindo os mistérios da alma e o poder que tem o amor. Isso tudo pode ser confirmado no clássico que passou a ser um divisor de águas na literatura

universal “As mil e uma noites”, que trata-se da reunião de histórias orientais de autoria desconhecida. Como enfatiza (COELHO, 1987).

Era também o momento em que as fadas entravam em moda. Em meio a esse clima aberto para a fantasia, As mil e uma Noites tornaram-se imediato nova fonte de diversão e encantamento. Suas narrativas audaciosas, falavam de um Oriente fabuloso e exótico, já desaparecido no tempo e que a Literatura preservara. (COELHO, 1987,p.23).

O conto de Fadas que pertence ao gênero maravilhoso, que se identifica como o fantástico, o mistério e o mágico, é povoado em suas estórias por seres sobrenaturais e dentre esses seres, a Fada é uma figura muito importante. Essa figura sobrenatural nasceu do povo celta; foi da criação poética que surgiram as primeiras mulheres sobrenaturais que deram origem às fadas, seres fantásticos, imaginários e de grande beleza, capazes de interferir na vida do homem, para resolver situações consideradas embaraçosas, quando soluções naturais parecem impossíveis. Veja o que diz Carvalho, sobre isso. (CARVALHO, 1983).

[...] Fada - do latim fata (pln.de.fatu): fado, predição, destino, que veio a significar, por extensão analógica, a “dona ou deusa do destino”, “aquela que brilha”, ou ainda a etimologia analógica de fata, ae, dem, com sentido de Fada ou de Parca, como entidades mitológicas que comandam o destino dos mortais (as parcas: cloto, que presidia o nascimento; Láquises, que girava o fuso, tecendo a vida; A tropos, que cortava o fio da vida, enquanto a fada, simbolizando a bondade, a graça, a beleza, se eternizou e continua viva nos contos maravilhosos. (CARVALHO, 1983, p.60).

A magia das Fadas lhe atribui um outro papel. A dualidade feminina Fada x Bruxa, onde a primeira representa o bem e a segunda, o mal, dando a entender que essas figuras representam a personalidade da mulher, sua condição feminina diante do bem e do mal. Essa diferença representada por essas distintas personalidades fada e bruxa encantam e seduzem crianças e adultos com suas forças do poder do negativo e do positivo; tudo isso gera nas estórias da literatura uma atração muito forte para o lúdico, o imaginário, o mistério, algo que cabe à psicanálise explicar; aliás, os contos de Fadas, são repletos de atitudes interpretativas pelos psicólogos. Como define (LOEFFLER – LELACHAUX apud CARVALHO, 1983).

“Todas as angústias e prazeres do mundo parecem imprimidos no seu mental sob forma primitiva: o símbolo”. “Os símbolos, portanto, não morrem. Velhos como o mundo, nascido de uma inspiração espontânea e criado à medida exata do homem, eles se refugiam intangíveis no segundo plano das consciências”. (LOEFFLER – LELACHAUX apud CARVALHO, 1983, p.66).

Como o mundo imaginário, a psicanálise também é considerado surrealista, que curiosamente afirmam a existência das Fadas, cuja existência é real e não somente imaginário, embora elas sejam invisíveis aos olhos com uma percepção comum, mas por outro lado passam a clarividência de quem possui o dom, ou sétimo sentido de ver e se comunicar com as fadas ou espíritos mágicos dessa natureza. Sobre esse poder Dora Van Gelder, nos evidencia esse dom de visão e comunicação com as Fadas. (DORA VAN GELDER apud COELHO, 1987).

É preciso despertar um sentido especial em quem quiser ver fadas. A espécie de mundo em que elas vivem não afeta, diretamente, os nossos sentidos habituais (...). Todos [os homens] têm, latente, um sentido mais delicado do que a visão, e certo número de pessoas [tem-no] bem aguçado. É este sentido mais elevado de percepção que é usado para observar as ações no mundo das fadas. (DORA VAN GELDER apud COELHO, 1987, p.35)

De acordo com o entendimento popular, costuma-se confundir lenda com mito. Na lenda, o real mistura-se com o imaginário, que se torna impossível entender onde termina a veracidade e começa a fantasia, como nas lendas do folclore brasileiro. Já o mito trata-se de narrativas de formas alegóricas, poéticas e até mágica, falando de fenômenos da vida do homem em relação à natureza, da divindade humana ou do próprio homem; do herói que virou um semi-deus. Gelder que faz uma classificação desses seres mágicos hierarquicamente e que se apresentam da seguinte forma: (GELDER apud COELHO, 1987).

ANJOS OU DEVAS: São grandes seres angélicos ou radiantes, de notável inteligência [...] ELEMENTAIS: São literalmente os espíritos dos elementos, as criaturas evoluídas dos reinos do ar, da terra, do fogo e da água [...].
 ESPÍRITOS DA NATUREZA: São as criaturas superiores, que cuidam das diferentes categorias da natureza [...].
 FADAS: São criaturas que pertencem aos quatro reinos elementais: ar, terra, fogo e água.
As fadas do ar dividem-se em: *Silfides* ou fadas das nuvens [...].
As fadas da terra dividem-se em espírito da superfície e do subsolo; [...].
As fadas do fogo ou salamandra habitam a região do solo vulcânico [...].
As fadas das águas ou ondinas habitam as profundezas das águas [...]. (GELDER apud COELHO, 1987, p.35, 36,37).

Com o passar dos séculos, os celtas se expandiram e isso nos fez acreditar na sua influência cultural em várias partes do mundo; podemos até admitir, que a cultura céltica foi mais influente do que a cultura romana, nas narrativas maravilhosas, pois nelas nascem as fadas e dá início às aventuras novelísticas “Arturianas”, onde se confunde História e lenda, como foi mencionado pela primeira vez a presença de mulheres belas e sobrenaturais, no caso

as fadas. Ao se expandir, a cultura céltica caminha rumo à Europa e chega à França, onde encontrou quem cultivasse a arte e apoiasse os grandes anunciadores, como os poetas e os artistas, tornando a França, berço de uma sociedade culta e refinada, que teve como promotora dessa difusão cultural a princesa Marie de France, a qual foi considerada a primeira poetisa francesa, mas por questões de mudanças de nacionalidade, passa a assumir outro tipo de literatura, a britânica que é mais parecida com a cultura e a magia dos povos da divulgadora da arte dessa nova região, que também sofreu influências célticas. A nova princesa da Inglaterra passou a traduzir as narrativas maravilhosas para a língua francesa, pondo em evidência o mundo misterioso, onde as coisas ganham vida; onde os magos e as fadas atuam para ajudar e proteger as pessoas; onde os animais falam e aparecem heróis encantadores e cheios de coragem. (COELHO, 1987).

Para falarmos da Literatura Infantil, que hoje tanto encanta o mundo mágico das crianças, temos que nos remeter para um passado bem distante, para podermos compreender como surgiu esse mundo encantado que hoje nos fascina e nos diverte, é necessário viajar no tempo para confirmar a contribuição céltico-bretã, através de um povo que soube viver intensamente com um dinamismo e propagação de sua cultura e a colaboração de uma princesa, que foi a precursora da literatura do maravilhoso feérico, que hoje essas figuras de princesas e fadas dão uma imagem conotativa à mulher. (COELHO, 1987).

A esse ideal liga-se uma imagem poderosa: a da mulher, que interfere na vida dos homens, comum poder divino e demoníaco, e à qual se tributa um verdadeiro culto sagrado ou se repudia. Essa mulher vulgarizou-se, em nossa civilização, como fada ou como bruxa, povoando os contos de fadas. (COELHO, 1987, p.59).

No final da Idade Média e início do Renascimento, quando o teocentrismo começa a ruir, surgem novas narrativas que se formaram a partir dos romances bretões e das narrativas orientais, pelas regiões da Europa. São compilações cheias de criatividade e talento; não sendo mais um trabalho popular sem identificação e autoria. Só os textos que são de origem popular, com uma reescrita de uma forma mais elaborada e até erudita, referente às obras ligadas ao maravilhoso. É essa literatura que vai dá início ao resto da literatura mundial, que nasce do poético, do mito, da lenda, do sagrado e do profano, que encanta o homem; assim como as estórias seduzem as crianças.

Referente a uma literatura mais elaborada, com autoria definida, podemos citar duas obras européias com seus respectivos autores: Gianfrancesco Straparola da Caravaggio e Giambattista Basile. O primeiro nos referimos à "*Noites prazerosas*" e o segundo ao "*O conto*

dos contos”, ambos com suas coletâneas referentes ao folclore, ao imaginário fantástico europeu, que servem de fonte para *Charles Perrault*, que deu início à Literatura Infantil, que irá encantar o resto do mundo com seus maravilhosos contos de Fadas. Iremos conferir essas informações com (COELHO, 1987).

São histórias de origem Oriental-medieval e de fundo folclórico peninsular, em que predomina o elemento fantástico ou maravilhoso. Entre elas está o conto “*O Príncipe Porco e as Três Irmãs*”, apontado como uma variante de “*A Bela e a Fera*”, do qual sai também “*Henrique do Topete*” [...] (COELHO, 1987, p.61).

Elementos fantásticos e sobrenaturais não faltam no enredo das novelas de cavalaria, na época do Renascimento, entre elas *Amadis de Gaula*; As figuras feéricas também se fazem presente em outras grandes obras da literatura européia, como nos “*Lusíadas*”, de Camões, onde as ninfas acolhem os portugueses cansados; e até mesmo no clássico “*Romeu e Julieta*” de Shakespeare, quando se faz presente nessa obra, uma fada, a rainha Mabe. Como vemos, a era clássica muito contribuiu para a literatura que temos em voga, transformando-se nos contos maravilhosos infantis. Essas histórias infantis que atualmente nos conduzem ao prazer, ao lúdico e que muito contribuem para o desenvolvimento cultural de nossas crianças, partiram de um passado e de inúmeras partes do nosso vasto mundo, mas que atualmente convergem, para um mesmo caminho, à trilha do entretenimento, do fantástico, do mundo imaginário; mundo esse necessário para a criança e para aquele que também um dia foi pequeno. (COELHO, 1987).

Até chegar às coletâneas dos clássicos literários que temos atualmente, tivemos uma vasta contribuição dos franceses e principalmente do precursor da Literatura Infantil, *Charles Perrault*. Suas obras têm uma preocupação com o didático e com o popular. Seus contos apresentam um enfoque interdisciplinar, referente à sociologia, psicanálise, de uma maneira às vezes folclórica, sempre com um objetivo de ensinar algo a alguém, como nas *Fábulas de La Fontaine*, cujas obras têm um caráter moralista, assim como acontece com os contos de fadas, que antes eram de natureza popular, e sua divulgação era oral, mas que hoje esses escritos literários assumem postura de contos com narrativas para crianças. (CADEMARTORI, 1994).

Assim como as *Fábulas de La Fontaine* e os contos produzidos por *Charles Perrault*, também são de caráter moralizantes, como por exemplo “*Chapeuzinho Vermelho*”. Porém essa obra não esclarece plenamente sua intenção da realização de suas obras maravilhosas. Há hipóteses de que suas criações literárias tenham surgido em defesa da figura feminina, que é

de se pensar o motivo da freqüente presença de fadas em seus contos encantados, figura essa que ele defendia fervorosamente. Como vemos, o francês que é considerado o pai da Literatura Infantil, teve a preocupação inicialmente, com o didático e com uma arte propriamente moralizante através de uma literatura pedagógica para as crianças. Só com o passar do tempo foi que Perrault enveredou por um caminho literário destinado à infância, quando publica “A pele de Asno”, a partir daí é que começa a se manifestar o caráter produtivo destinado ao público infantil. Confira no seu prefácio, o que diz (PERRAULT apud COELHO, 1987).

Houve pessoas capazes de perceber que essas bagatelas não são simples bagatelas, mas guardam uma moral útil, e que a forma de narração não foi escolhida senão para fazer entrar essa moral de maneira mais agradável no espírito, e de um modo *instrutivo e divertido* ao mesmo tempo. Isso me basta para não temer ser acusado de me divertir com coisas frívolas. Mas como há pessoas que não se deixam tocar senão pela autoridade dos antigos, vou satisfazê-las abaixo. As fábulas milesianas, tão célebres entre os gregos e que fizeram as delícias de Atenas e Roma, não são de natureza diferentes destas. A história de matrona e de Éfeso é da mesma natureza que a de Grisélides: Ambas são nouvelles, isto é, narrações de coisas que podem ter acontecido e não tem nada a ferir-lhes a verossimilhança. A fábula “psychê”, escrita por Apuleio, é uma ficção pura, tal como o conte de Vielle “A pele de Asno” (PERRAULT apud COELHO, 1987, p.67, 68).

A Literatura Infantil é considerada um fenômeno estético, ideológico e também cultural, por isso está diretamente ligada à cultura de um povo, nasce com o próprio homem e a torna inerente à condição humana e social. Dentro desse contexto cultural, Charles Perrault sente-se atraído pelos relatos maravilhosos que nada mais são exemplares guardados pela memória do povo, cuja coletânea memorial, foi resgatada e adaptada a uma nova compilação de contos populares; os chamados *Contos de Fadas*, dos quais foram adaptados a um momento histórico e social, destinado à burguesia, classe da qual Perrault fazia parte, manifestando-se com reflexos de contradições e de crises, que se manifestavam através do maravilhoso e da magia inerente nos contos populares. Confira esse pensamento com (CADEMARTORI, 1986).

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observam-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo referências à vida na corte, como em *A bela adormecida*; à moda feminina em *Cinderela*; ao mobiliário, em *O Barba Azul*. Ressalta-se, porém, que não há dissociação entre a literatura oral e a versão culta... (CADEMARTORI, 1986, p.36 e 37).

Portanto, a valorização da literatura infantil é uma conquista recente, diante de muitas definições e controvérsias sobre a verdadeira origem e possível função nos tempos passados e dos dias atuais, porém isso nos leva a crer, que esse gênero literário enriquece a imaginação da criança dando-lhe liberdade de pensamento, levando-a a resolver conflitos existenciais e lhes proporcionam belíssimas lições de vida, algo essencial para nosso crescimento e amadurecimento pessoal; construindo assim um novo tempo, mais justo e fraterno. Lendo, a criança estará iniciando e desenvolvendo seu senso crítico; quer seja qualquer manifestação artística, sendo a literatura infantil que atinge esse objetivo maior, cuja arte literária foi iniciada por Charles Perrault, no século XVII, na França, sendo antes contos destinados à adultos e que depois destinou-se ao mundo infantil.

Como já foi dito, as narrativas do século XVIII destinava-se ao público adulto e só mais tarde dariam origem aos contos infantis, coletados e adaptados pelo francês Charles Perrault, de narrativas populares, onde esse compilador apresenta seu livro “*A pele de Asno*”, livro este que o consagrou nos contos maravilhosos. Apesar de ser considerado um homem culto, ele está inserido no mundo da literatura oral, na cultura popular, ao passar a registrar narrativas maravilhosas recolhidas da memória do povo e transcritas para o público leitor, com o propósito moralizante, didático e social.

2.1 Literatura Infantil

No século XVIII, com desenvolvimento da Pedagogia, a função didática e moralizante dos contos de fadas tende a aumentar, ao levar em consideração que a criança era vista como um “adulto em miniatura”, talvez seja essa a razão da natureza dos escritos literários para quem eram destinados, mas que com o surgimento de uma nova pedagogia, a literatura infantil tomou o rumo do público mirim, com textos adequados e destinados à crianças. Já no século XIX, outros representantes da chamada literatura para crianças, surgem depois do precursor da literatura pueril, na Alemanha, pelos *irmãos Grimm* com os contos (João e Maria e Rapunzel); o dinamarquês *Christian Andersen* com (O patinho feio e Os trajes do imperador); O italiano *Collod* (Pinóquio); O inglês *Lewis Carrol* (Alice no país das maravilhas); O americano *Frank Baum* (O mágico de Oz); e o escocês *James Barrie* (Peter Pan). Todos esses escritores da literatura infantil, trilham pelo mesmo caminho do considerado pai da literatura para crianças, com exceção do dinamarquês Hans Christian Andersen, que compôs suas narrativas sem ter colhido relatos de fonte oral; mas

permanecendo o mesmo modo estrutural e fazendo uso também da mesma temática dos contos maravilhosos para crianças. (DEBUS, 2006).

Autores como *La Fontaine* e *Charles Perrault* escreviam suas obras, enfocando principalmente os contos de fadas. De lá para cá, a literatura foi ocupando seu espaço e mostrando sua relevância, com outros autores, Christian Andersen e os irmãos Grimm, que immortalizaram suas obras. Naquela época, a literatura era ainda classificada como gênero de mercado, principalmente para a aristocracia. Mas com o passar do tempo, quando a sociedade passou a desenvolver-se, modernizando-se através da industrialização, expandindo assim a produção de livros e a seleção dos mesmos, destinando-os às faixas etárias adequadamente, diferente daquela literatura produzida para adultos e aproveitada para crianças. Uma literatura intencional, cujas histórias acabavam sempre premiando o bem e castigando o que é considerado mal, mas que ainda segue à risca os preceitos religiosos, que considera a criança um ser a ser moldado de acordo com o desejo dos que a educam. Essas obras dificilmente tinham o objetivo de tornar a leitura prazerosa, falar da vida de uma maneira lúdica, encantadora; falar da amizade centrada no companheirismo, no mundo mágico que cerca a criança, como ela deve ser. Segundo Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, elas visualizam de forma mais clara os sentimentos relacionados com o mundo no qual está inserida. As histórias ajudam a resolver problemas existenciais da infância, como os medos, sentimentos de inveja, dor, perda, enfim os mais diversificados traumas existenciais.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outras ética, outras óticas... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Quando tratamos de literatura infantil, podemos também focar a luta feminista, luta esta que Perrault, tanto defendeu em seus escritos maravilhosos, na figura de seus personagens femininos. Mas a mulher não figura somente como protagonista da história, ela também faz e escreve histórias; são as chamadas mulheres cultas, produtoras de novelas do maravilhoso medieval, compilando os contos de fadas para adultos. Dentre outras podemos citar a que mais se destacou, Mme. D'Aulnay. Esta escritora chegou a publicar entre 1696 e 1698 oito romances referentes ao feérico, que tinha como público alvo, as damas e os cavalheiros e que mais tarde, esse gênero destinou-se à literatura mirim, e com a decadência do reinado de Luís XIV e o início da Revolução Francesa; quando nasce uma nova era, um novo pensamento político e social: o nascimento do Romantismo. Quando o mundo infantil

será representado de acordo com características românticas cuja característica é centrada na emoção, no lúdico, na fantasia. (COELHO, 1987).

Outras duas mulheres contribuíram muito para o ressurgimento da literatura destinada aos pequeninos, através de textos: A velha composesa *Katherina Wieckmam* e *Jeannette Hassenpflug*, amigas dos irmãos *Jacob* e *Wilhelm Grimm*, que também se valeram da privilegiada memória dessas mulheres, que relataram antigas narrativas maravilhosas extraídas do folclore alemão. Em busca de uma identidade nacional daquele povo, foi também coletado da tradição oral da literatura popular, material para fins de pesquisas científicas. Dentre esses textos coletados os irmãos Grimm descobrem textos maravilhosos que encantam e seduzem as crianças e toda imaginação humana. A partir daí, os irmãos pesquisadores da origem da língua e de vários dialetos, com os estudos lingüísticos fazem renascer os contos de Fadas no momento que são publicados com o título de *Contos de fadas para crianças e adultos*. (COELHO, 1987).

Como já vimos anteriormente, há controvérsia de questões relativas ao trabalho de *Charles Perrault*, que parte de um tema popular e que não corresponde à classe que pretende direcionar seus contos infantis: às crianças, desviando-os à burguesia, classe da qual ele fazia parte. Porém não podemos negar que todos os seus relatos fantásticos foram coletados de fábulas, provérbios, cantigas de rodas, mitos e de toda cultura popular, assim como procedia os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen; com uma pequena diferença, enquanto que Perrault valeu-se somente da cultura popular, com fins didáticos e moralista, os *Grimm*, partiram da mesma fonte com outros propósitos, além da literatura infantil, enveredaram para a pesquisa científica com finalidades lingüísticas. Já o dinamarquês *Andersen*, além de contista infantil, foi poeta e novelista; tendo parte de sua obra também retirada da literatura popular e outra da criação do próprio escritor. Daí a grande contribuição desses três criadores da Literatura Infantil. (CARVALHO, 1983).

Talvez Andersen seja mesmo o maior poeta da Literatura Infantil. Entretanto, ao confrontarmos suas coletâneas com as obras de Perrault e os Grimm, logo notaremos, que não existe a mesma alegria e ludismo presente em alguns contos dos Grimm e Perrault. A alegria, a leveza do humor e a descontração são pouco visíveis, enquanto é predominante traços de tristeza e dor. Mas em compensação existe em sua obra uma grande ternura, destinado aos pequeninos desvalidos. Há um confronto entre os prestigiados e os desprestigiados, o forte e o fraco, a justiça e a injustiça, defendendo a igualdade social de acordo com o Romantismo, cujo lema era, igualdade, liberdade e fraternidade. Enfim, em seus contos é visível uma

racionalização do imaginário, em prol de um mundo mais justo, igualmente para todos. Para entendermos melhor esse paralelo, vejamos o que diz (CARVALHO, 1983).

Andersen é filho do povo, a sua experiência é vivida e sentida: “ninguém foi mais sincera e verdadeiramente povo do que Andersen”. Perrault foi um curioso intelectual das tradições, dos contos clássicos, cheios de fantasia e de riqueza folclórica e humana. Grimm, por sua vez, foi com seu irmão, um pesquisador do folclore, com outras implicações, embora tivessem os três o mesmo destino: atingir a infância. Contudo a Andersen contrapõe-se o realismo de Perrault. (CARVALHO, 1983, p.111).

Já na segunda metade do século XIX, em que a arte apresenta uma tendência a eliminar as expressões dos sonhos, a imaginação, a fantasia, a subjetividade, que impregnava a era Romântica, dando espaço a uma nova concepção na história da literatura, há uma busca pela expressão do mundo de maneira objetiva, reproduzindo-se objetivamente a realidade, opondo-se a fantasia, a imaginação. Surge então um desinteresse pelo mágico, pelo maravilhoso. Nascem assim, novos contos de fadas que foi retratado na obra da Condessa de Ségur, escritora de cunho realista, cuja sua primeira obra é *Novos Contos de fadas*, onde essa escritora mescla as velhas teorias dos contos de fadas do romantismo com o Realismo e o Modernismo. Essa fusão ainda não emplacou, pois sua vanguarda foi muito além do que se vivia no momento, daí sua obra foi rejeitada pelo povo, um público despreparado para esses novos contos.

Se a Condessa de Ségur não conseguiu encantar o público com uma nova maneira de relatar o maravilhoso feérico, surge então uma nova tendência, não mais o sobrenatural, mas o *fantástico, absurdo*. A exemplo temos Lewis Carrol e Collodi, escritores que relatam o absurdo, o fantástico, a inverossimilhança e o maravilhoso sobrenatural; como exemplo citamos *Alice no país das maravilhas* e *Pinóquio*, contos esses que muito agradam não somente crianças, mas também adultos, fazendo sonhar e despertar a imaginação da classe mirim até nos tempos de hoje, transformando o mágico em racional, contribuindo para uma nova sociedade que hora se firma com o progresso, o positivismo e o materialismo, iniciando um novo conceito de literatura. (CARVALHO, 1983).

Certamente sem as narrativas de Perrault, Grimm ou Andersen o mundo não seria o mesmo; a alegria, o lúdico, a fantasia, o maravilhoso, não existiriam; caso existisse, talvez seria diferente. Quanto as semelhanças e divergências desses compiladores, só vieram enriquecer o mundo mágico das crianças e dos adultos. Não importa se partiram de fontes célticas, orientais ou européias. O que se deve levar em consideração é a ruptura de fronteiras,

mostrando o valor da Literatura para o mundo, um mundo mágico ou sobrenatural que é invadido pelos sonhos, pelo imaginário, e que o ser humano é capaz de desvendar, para encontrar sua auto-realização, com o objetivo de auto-conhecimento, através dos maravilhosos Contos Infantis, que vêm transformando o imaginário popular por muitos e muitos séculos.

3 CAPÍTULO II - A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.

“Um livro infantil para o quarto de uma criança, é um objeto tão importante e mais indispensável do que o berço”.

Friedrick Bertuch.

Assim como o início da Literatura Infantil ter ocorrido na Europa; aqui no Brasil, essa literatura também foi iniciada por europeus. Quando a Família Real foi trazida por D. João VI e logo em seguida foram abertos novos horizontes à educação, à vida cultural, social e econômica brasileira e mais tarde com a instituição da Imprensa Regia surgiu uma possibilidade de livros recreativos, e mais ou menos, meio século nasce então a Literatura Infantil no Brasil. Esse gênero literário também inicia-se a partir de traduções de obras da literatura européia apresentada pelo jornalismo e pelas instituições escolares formando assim a primeira fase da nossa literatura para crianças, numa classificação preparatória para uma literatura de cunho nacional.

Exatamente como ocorreu no passado com o surgimento da Literatura Infantil na Europa, sem preocupação dirigida às criaturinhas infantis, aqui no Brasil deu-se o mesmo; começando a dirigir-se essa literatura ao público infantil só no final do século passado, talvez pelo fato de que escrever para crianças seja um assunto muito delicado. O escritor tem que ter um espírito infantil e valer-se constantemente da imaginação, da excelência do maravilhoso, do recreativo, enfim tem que ser dotado de muita criatividade, pois esse público é por demais exigente, o que faz com que sofra metamorfose a cada história lida ou contada por alguém, fazendo desenvolver ainda mais sua mente infantil, seu emocional, seu equilíbrio pessoal, como é de se esperar o reflexo da literatura no público infantil. Como no continente europeu a literatura infantil além de ser destinada em sentido oposto à criançada, seus objetivos também eram pedagógicos, sem caráter lúdico, como ocorreu inicialmente aqui com a literatura infanto-juvenil brasileira, só no final do século XIX, que deu-se início a uma reforma pedagógica, quando começa a mudar a metodologia da prática de ensino, que contou com o grandioso intelectual *Rui Barbosa* e vários outros intelectuais brasileiros. Já bem depois, os Professores *Anísio Teixeira*, *Lourenço Filho* e *Paulo Freire* deram início a um novo conceito de educação no Brasil, que até então cultura era confundida com alfabetização, e a partir daí as leituras infantis passaram a ser repensadas, como: os contos maravilhosos, a ficção, o folclore, a poesia e as fábulas. Daí a criança passa a ser um indivíduo de cuidados e preocupações para os professores, pedagogos e psicólogos, cujos profissionais já entendem

que a criança não é mais um adulto em miniatura, mas um ser com características próprias, e sendo assim necessita de cuidados especiais. Como nos informa (CARVALHO, 1983).

Desde o momento em que se deu início aos primeiros estudos básicos da educação moderna para crianças e adolescentes, quando os mesmos ao entrarem na escola passam a descobrir o mundo e os seres que o rodeiam, e a si próprio ao adquirir a propriedade de comunicar-se eficazmente; o ensino passou a desempenhar um novo processo de aprendizagem, sendo assim os textos literários passam a assumir um novo papel na vida de nossas crianças. Com isso surgiu com veemência a capacidade de se desenvolver uma literatura apropriada para os leitores mirins, e quem levou isso a diante foi Alberto Figueiredo Pimentel, que publicou pela primeira vez um livro destinado para o público infantil com os *Contos da Carochinha*, cuja coletânea era composta de 40 contos populares, traduzidos e adaptados de contos dos criadores da literatura mundial, os irmãos Grimm, Christian Andersen e Perrault, e assim como esses compiladores, Pimentel também mesclou, suas obras infantis, com retratos da tradição oral, do povo brasileiro. (COELHO, 1975).

Na literatura mundial, podemos classificar Charles Perrault como o pai da Literatura Infantil e aqui no Brasil, quem assume esse papel é Alberto Figueiredo Pimentel, inicialmente. Com o passar dos anos é que aparece uma nova figura, que irá assumir originalmente a paternidade dessas criações literárias, com raízes européias, africanas e indígenas do conto infantil brasileiro; o grande criador Monteiro Lobato, com uma literatura bem brasileira, dos nossos tempos, narrando aventuras em contato com a natureza, travessuras da cidade e com muitas fantasias que encantam nossas crianças. Porém Pimentel também encantou nossos pequeninos, agora com seu segundo livro infantil “Histórias da Baratinha”, como nos mostra (CARVALHO, 1982).

[...] e assim prossegue o precursor da Literatura Infantil no Brasil, dedicando-se à infância, ora com as estórias maravilhosas, ora com a poesia, de que nos apresenta uma selecionada coletânea, em – *Álbum das Crianças* – ora com o teatro – *Teatrinho Infantil* – ora, enfim, com o interessantíssimo livro que se intitula *Os Meus Brinquedos*, onde ele parte das cantigas de berço, chega aos jogos e brincadeiras, passa pelos salões de ruidosa alegria e aniversários, até o teatrinho, incluindo, ainda aí, nesta última movimentação recreativa, uma tradução adaptada da comédia. *O mentiroso, da Condessa de Segur*. [...] (CARVALHO, 1983, p.128).

Sem querer cancelar a primogenitura de Figueiredo Pimentel em nossos contos infantis com suas estórias de “*D. Carochinha*”, não podemos esquecer de citar outros autores e tradutores de adaptação de histórias para crianças. Entre esses pioneiros destacam-se *Arnaldo de Oliveira* com adaptações de obras da *Mitolgia Grega*; *Viriato Correa*, que

escreve a *Arca de Noé e Era uma vez*; *Érico Veríssimo*, que também escreveu para crianças lindas histórias como: *Rosamaria no Castelo Encantado e Os Três Porquinhos Pobres*; *As Aventuras do Avião Vermelho* e outros mais; *Cecília Meireles* com suas maravilhosas poesias no livro intitulado *Ou Isto ou Aquilo*; *Vinicius de Moraes*, também com a *Arca de Noé*, estas poesias infantis, fazem sucesso até nos nossos dias e são apresentadas na TV brasileira com adaptação de *Chico Buarque de Holanda* (CARVALHO, 1983).

A literatura nacional para crianças foi criada quase que aos modelos dos contos infantis, escritos por Charles Perrault, os Grimm e Andersen, com uma linguagem ainda distante do entendimento das crianças e adaptada de coletas da cultura popular transformada em contos para leitores mirins através da imprensa nacional, e das primeiras escolas e escritores brasileiros, que começaram fazer literatura, mas que esta ainda estava longe dos parâmetros literários infantis. Porém, não podemos negar que foi com essa grandiosa contribuição cultural, que a Escola brasileira passou a caminhar em direção ao progresso, a uma educação modernizada e nacional. Sendo a escola o centro de educação, de aprimoramento intelectual, do cultivo da literatura infantil da época, seria natural que nela surgissem os primeiros jornais dedicados à infância, como ocorreu, representando assim uma grande contribuição para a história da literatura infantil brasileira.

3.1 Monteiro Lobato e a Literatura Infantil.

Nos finais do século XIX já é formada uma diferenciada literatura para crianças, abordando uma variadíssima temática. Um livro que apontou com muito sucesso na época, devido a sua beleza foi: *Saudade*, de Tales de Andrade. Ao mesmo tempo as editoras começaram a apresentar traduções e adaptações dos clássicos da literatura infantil, em edições já ilustradas. Esse período, com uma nova cara das letras infantis serviu de amadurecimento da nossa verdadeira e nacional literatura Infantil, que só se realizou integralmente com o aparecimento de Monteiro Lobato, que definiu esse gênero e deu-lhe independência com suas verdadeiras obras para o público infantil. Em 1921, Lobato faz nascer sua literatura para as crianças, com a publicação de *A Menina do Nariz Arrebitado*, mudando assim o modo de escrever para crianças como era tratada a literatura escolar; essa mudança no modo de escrever para o público mirim foi tão bem aceita, garantindo a obra sua indicação pela rede escolar apontado como “segundo livro de leitura”. A partir daí, Lobato, começa a criar uma literatura infantil com características bem diferente daquela produzida até então, pois na sua obra tem a participação da criança na narrativa; a história é contada do ponto de vista da

criança e assim, antes de ensinar, desperta interesse e diverte o leitor. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988).

Essa preocupação com o leitor mirim, faz o diferencial nos textos infantis, marcando o ideal da obra de Lobato, que permanece fiel até sua última publicação infantil, cujas publicações serviram de elementos norteadores, com embasamento a um novo projeto de literatura brasileira moderna. Pois esse escritor é considerado um vanguardista, por ter novos ideais, enfrentando os riscos da inovação, quando para ele o pitoresco dá espaço à tipificação humana, isto é, os tipos sociais brasileiros, estabelecendo, assim, uma ligação entre a literatura e as questões sociais, com um olhar crítico. Sua consciência social oferece ao público leitor um lugar bem especial em seu mundo ficcional, pois em seus textos possibilitam a visão da realidade, fugindo do moralismo, rompendo com padrões já fixados nesse gênero, fazendo assim superar conceitos e preconceitos do momento histórico em que sua obra é produzida. (CARVALHO, 1983).

Podemos considerar Monteiro Lobato como o maior clássico da Literatura Infantil Brasileira. Porém, ele não escreveu somente para as crianças; além de criar um universo para elas, ele recriou e resgatou o mundo encantado dos adultos, pois seus textos literários não só agradam aos pequeninos, mas também àqueles que já não são mais tão infantis, pois as obras lobatianas têm o poder de despertar as fantasias, o espírito aventureiro, a imaginação de qualquer faixa etária de uma pessoa e além disso despertar o senso crítico, capaz de desenvolver um olhar crítico aos problemas da sociedade brasileira através da denúncia literária. Questões sociais como essas são observadas no personagem *Jeca Tatu*, cujo personagem é considerado um tipo humano, fugindo do pitoresco e causando polêmica essa tipificação humana.

Como sabemos, Lobato não iniciou a literatura para leitores mirins, pelo viés europeus, cujos partiram da literatura oral. Já as obras lobatianas não foram recriadas, seus contos foram criados a partir de seu espírito infantil, que fez nascer essa riqueza de criatividade do mundo maravilhoso dos pequeninos, recontando a magia, o folclore, os jogos e brincadeiras indispensáveis à obra infantil, oferecendo sempre certo encantamento às crianças de todas as gerações e de todas as idades. O pai da literatura infantil nacional é autor de uma literatura onde a criança se identifica com a obra lida, transpondo-se juntamente para aquelas aventuras narradas, deliciando-se do lúdico e ao mesmo tempo do conhecimento científico, sem comprometer seu lado infantil, mas por outro lado desenvolve sua capacidade de percepção e de redescoberta do mundo que lhe cerca.

O criador dos textos literários infantis brasileiro não teve somente a preocupação, de escrever para crianças; como era um empreendedor, dono de editoras e homem de outros negócios, esse empresário fundou outras editoras além da Companhia Editora Nacional; a Brasiliense e publicou seus próprios livros. E logo foi escrito *O saci*, escrito para o jornal O Estado de S. Paulo, mas destinado para crianças, aliás um livro sui generis, baseado no folclore brasileiro. Já em 1919, esse mesmo autor reescreve as fábulas de *La Fontaine* à moda brasileira, textos esses que não chegaram a ser publicados nessa época, mas em compensação *Narizinho Arrebitado*, já era uma realidade e já fazia sucesso entre, o público mirim. Mesmo com a grande aceitação de *Narizinho Arrebitado*, *O Saci* e as *Fábulas* foram introduzidas nas histórias do *Sítio do pica-pau-amarelo*. (CARVALHO, 1983).

O grande escritor para crianças soube perfeitamente intercalar o imaginário com o cotidiano real, assim como fez *Lewis Carrol* e *Collodi* e outros escritores dos contos maravilhosos; como *A Branca de neve e os sete anões*, cujas personagens que atuam na obra são em número de sete, sem contar com a princesa que dará o maior encantamento na história. O mesmo número de personagens do sítio se repete; talvez, por esse número ser considerado o número da perfeição, como é essa obra lobatiana, e que da mesma maneira como ocorre nos primeiros contos maravilhosos, o sítio do pica-pau, também passa a representar o cenário que fixa um espaço, e boa parte do elenco vai ocupá-lo com aventuras de todos os tipos. Esse cenário possui uma população resumida, mas as personagens multiplicam-se com a inclusão de outros seres, que sejam mitológicos, lendários, mágicos, animais falantes, aquáticos, tornam uma unidade final e de uma maravilha fenomenal, figurando o Brasil e seus habitantes originais bem representativos, como só Monteiro Lobato soube retratar na sua literatura nacional. Sobre essa questão nos esclarece. (COELHO, 2000).

Um dos grandes achados de Lobato, tal como o de seus antecessores L. Carrol e Collodi, foi mostrar o *maravilhoso* como possível de ser vivido por qualquer um misturando o *imaginário* com o cotidiano real, mostra, como possíveis, aventuras que normalmente só podiam existir no mundo da fantasia. (COELHO, 2000, p.138).

Para entender a importância de Lobato na Literatura Infantil, é preciso nos reportarmos à época em que viveu esse intelectual. É época essa de grandes acontecimentos no país, novos ideais, de desejo de libertação de modelos europeus e vontade de constituir um literatura nacionalista, como ocorreu também com a Literatura Infantil, como exemplo ele reuniu isso no *Sítio do pica-pau-amarelo*, onde é mostrado o estilo de Lobato, sua espontaneidade, descontração coloquialismo, humor e crítica que usava para falar a verdade às crianças, ou

fazer uma denúncia social valendo-se da fantasia e da arte poética, como ocorre no *Reino das águas claras*; onde dá-se um maravilhoso encontro do passado com o presente: “Carochinha” e “Narizinho”, que ao dialogarem deixam transparecer a crítica aos velhos modos de escrever literatura para crianças. Confira isso com Carvalho (1983).

É um mundo poético em que Lobato soltou as rédeas da imaginação: há capítulos de incomparável beleza e graça, cujas descrições nos encantam e nos transportam. Observa-se nessa estória o choque do passado com o presente: o encontro da velha “Carochinha”, a baratinha de matilha, com Narizinho, quando Lobato, com muito humor, crítica e falta de renovação dos velhos temas infantis: “Falamos em correr mundo, a fim de se meterem em novas aventuras”, diz dona Carochinha, muito aflita, porque os personagens de suas estórias andavam fugindo e “aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas”. Foi o que Lobato fez, levando o seu pessoalzinho a correr mundo, e trazendo ao “sítio”, as velhas personagens, para novas aventuras, sem desfigurar as suas origens e o seu habitat. “Carochinha” é alusão ao nosso primeiro livro para crianças: *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel. Dona Carochinha é a nossa personagem tradicional, como a dona Gansa, na França e na Inglaterra. (CARVALHO, 1983, p.142).

Segundo Carvalho (1983), as obras infantis de Monteiro Lobato, podem ser divididas em dois tipos: recreativa e didática; como era o objetivo do criador da literatura infantil. Seus personagens são dotados de uma notável inteligência e de esperteza, como é reconhecida em sua personagem, a boneca. Emília, que é dona de um comportamento de liberdade e de criatividade, que faz todas as crianças se identificarem e encantarem-se com essa figura, que parece sair de dentro do livro ou da televisão, para rir, brincar e se divertir com a criançada brasileira. O mesmo acontece com a “*Preta velha*”, *Tia Nastácia*, em suas *Histórias de Tia Nastácia*, cujo livro é só de Folclore, com as mais variadas histórias do mundo inteiro, e que ao contar suas histórias é amada e respeitada por todos, figurando ainda o papel da preta velha contadora de histórias que embalaram os sonhos infantis no tempo da escravidão e que hoje faz sonhar, alimentando a fantasia de várias gerações de brasileiros, com seu modo mágico de contar histórias para crianças.

Essas obras do escritor paulista, quase que se fundem, sem determinação específica entre o recreativo e o didático, como classifica Carvalho. Pois no mundo ficcional do *Sítio do pica-pau amarelo* são apresentadas problemáticas constantes na vida das crianças e dos adultos que causam uma identificação entre o leitor e os personagens, mas com a genialidade do escritor isso tudo é resolvido psicologicamente com um procedimento de liberdade, maturidade e responsabilidade, causando um efeito formador e pedagógico, levando o leitor mirim a viver e resolver crises existenciais através de seus heróis do mundo maravilhoso do precursor da literatura para crianças do nosso país. Além das crianças ficcionais que vivem no

Sítio: Pedrinho e Narizinho, meninos estes que vivem as mesmas aventuras e sonhos encantados que nossas crianças, longe de pai e mãe, temos a presença das criaturas mais originais daquele cenário brasileiro: a boneca Emília e o sabugo de milho, Visconde, que são constituídos do aproveitamento de material existente no próprio meio em que moram. Assim é passado para o público leitor a lição da necessidade de reciclar, reaproveitar é reduzir material que poderia ser descartado, mas com uma consciência ecológica, tudo isso poderá ser transformado, e assim transformar a vida daqueles que vivem no planeta.(CARVALHO, 1983).

Um outro aspecto a se destacar nas obras lobatianas de cunho didático, são os temas desenvolvidos e apresentados que se destacam nas criações oriundas do folclore, por exemplo, como fizeram os seus primórdios. Já na literatura nacional deu-se de modos diferentes, partiu-se então de tradições estrangeiras, mesmo durante os movimentos literários nacionalistas como o Romantismo, o Regionalismo e até mesmo o Modernismo segundo COELHO. Porém Monteiro Lobato procurou escrever uma literatura de cunho nacional e incorporando em suas histórias infantis certos personagens os mais variados temas. Que sejam fantásticas como o *saci Pererê*; de relatos populares como *A onça e o Jabuti*; a *Mitologia Grega*, *O minotauro* e *Os doze trabalhadores de Hercules*; da literatura européia, *Peter Pan* e *D. Quixote para as crianças*; e da religião; *São Jorge*, em *Viagem a Lua*, tudo isso integrando um universo infantil com leitores na história nacional e ocidental, assim criando um mundo cultural extraído de sonhos e fantasias que cercam o mundo infantil. Assim, nos afirma (CARVALHO, 1983).

De acordo com a divisão realizada por Carvalho (1983), as obras recreativas e ao mesmo tempo didáticas, são igualmente pedagógicas, pois ele sempre preocupou-se com a formação e informação do leitor infantil, desenvolvendo assim uma certa visão do real e das circunstâncias do momento em que vive o leitor, levando-o a despertar para uma doutrina nacionalista, principalmente em seu livro mais polêmico, *O poço do Visconde*, cuja obra desperta os interesses nativos, como a problemática do petróleo brasileiro; e assim o autor usa o melhor de sua criatividade para alcançar um elemento formador e pedagógico num contexto de cenário e personagens sugestivas de uma maneira folclórica de fazer uma literatura infantil brasileira que reflete as dificuldades decorrentes de um contexto social, elaborando narrativas do universo ficcional de acordo com uma realidade vivida.

O trabalho exercido por Monteiro Lobato no panorama da literatura infantil nacional é consideravelmente reconhecido por muitos críticos da Literatura Infanto-Juvenil. Pois é ele que faz nascer oficialmente uma Literatura Infantil de acordo com a necessidade e

apropriadamente para nossas crianças, rompendo com os padrões literários oriundos da Europa. Principalmente no que diz respeito às tradições folclóricas Monteiro valoriza o ambiente local existente daquela época, ou seja, a vida rural, construindo a partir daí uma realidade ficcional narrada no *Sítio do pica-pau Amarelo*, através de seus personagens nacionais em suas obras mitológicas, lendárias, fantásticas e até mesmo religiosas com a presença constante de Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde, Dona Benta e Tia Nastácia, transformando-os em heróis ou protagonistas que possibilitam uma identificação imediata com o leitor mirim.

3.2 Literatura Infantil Contemporânea no Brasil

A aventura é considerada assunto recorrente na literatura Infanto-Juvenil e sua tematização, envolvendo a infância focaliza a criança através de suas fantasias, desejos; quer sejam com bichos, plantas e bonecos animados apresentados em narrativas que remetem a criança o mundo mágico do ludismo, como deu-se inicialmente com as fábulas e contemporaneamente com os contos de fadas e outras histórias adaptadas para a televisão brasileira. No Brasil, esses recursos começam com Figueiredo Pimentel, prossegue com Monteiro Lobato até chegar na literatura contemporânea infantil, representada por escritores infantis, cujos são narradores de uma temática desde a miséria e o sofrimento infantil enveredando por um contexto social realista, mas dentro de uma linguagem contextualizada para o público infantil.

Nos anos 70, dá-se o início à edição de obras infanto-juvenil, organizado pelo Instituto Nacional do Livro, com uma produção de textos destinados à comunidade escolar brasileira, cuja já apresentava, como nos dias de hoje, baixo índice de leitura, mobilizando educadores, editores e demais autoridades a preocuparem-se com o baixo nível escolar e o desinteresse pela leitura. A partir daí foi mobilizado um grande contingente de editores, autores, vendedores e propagadores de obras lançadas no mercado, visando à inclusão e formação de leitores, numa sociedade sem hábitos de leitura, mas com uma esperança que com a grande variedade de sugestões didáticas, nossos alunos passassem a desenvolver uma nova postura diante do ato de ler e conseqüentemente manifestar maior interesse pelos estudos. Veja o que tem para nos falar sobre isso: (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988).

Essa mobilização do Estado, apoiando e agilizando entidades envolvidas com livros e leitura, correspondeu, no plano da iniciativa privada, ao investimento [...], que aumentando o número e o ritmo de lançamento de títulos novos. Outra forma de adequação a esse mercado ávido porém desabituação da leitura foi a inclusão, em livros dirigidos à escola, de instruções e sugestões didáticas: fichas de leituras, questionários, roteiros de compreensão de texto marcam o destino escolar de grande parte dos livros infanto-juvenis a partir de então lançados, quando também se tornam comuns a visitas de autoridades a escolas, onde discutem sua obra com os alunos. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988, p.124).

Os livros infantis constituem, contemporaneamente um grande avanço na produção literária para a criança brasileira. Com uma nova concepção de leitura, o Brasil desperta para um comércio especializado, com abertura de livraria destinada ao público infantil e fez surgir grande número de escritores consagrados que antes praticavam outro tipo de literatura, mas com essa nova situação, passou a dedicar-se a escrever livros para um público infantil. Dentre esses autores de renome podemos citar Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Clarisse Lispector e Cecília Meireles, que vieram contribuir também para as letras infantis e assim enriquecendo nossa produção literária infantil, com obras diversificadas como: contos, poemas e músicas, fazendo com que a meninada do Brasil seja inserida no mundo mágico da leitura de obras de grandes escritores brasileiros, cujos nomes consagrados farão parte futuramente de leituras praticadas por essas crianças. (CARVALHO, 1983).

Um ponto relevante na literatura infantil contemporânea brasileira além da grande produção literária é a ilustração voltada para as crianças, que ainda não sabem ler, levando em consideração a linguagem visual, estimulando a criança através das relações de sentido entre objetos e conceitos, e além da visualidade, privilegiam também o ludismo sonoro. Depois que a criança mostra domínio na leitura, pode-se apresentar a ela textos mais pautados nas discussões temáticas, e a partir desse ponto pode-se então trabalhar a leitura de textos numa perspectiva mais analítica, através de livros que demonstrem diferentes temas, possibilitando despertar vários sentimentos a respeito dessas leituras praticadas. Veja o ponto de vista referente a esse pensamento de Zilberman (1988).

Os livros infantis brasileiros contemporâneos vão manifestar ainda outro traço de modernidade: a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente auto-suficiente. Isso ocorre em certos momentos de *O caneco de prata* (1971), de João Carlos Marinho, onde letras e palavras, abandonando a linearidade peculiar à linguagem verbal estruturam-se em grafites e caligramas. Também em *Chapeuzinho Amarelo* (1979), de Chico Buarque com programação visual de Donatella Berlendis, letras e palavras se incorporam e configuram visualmente o significado do texto. Mas é principalmente através de obras como *Flicts* (1969), de Ziraldo, *Domingo de manhã* (1976), *Ida e Volta* (1976), Ambos de Juarez Machado, *O ponto* (1978) de Ciza e Zélio, *Depois que todo mundo dormiu* (1979), de Eduardo Piochi e *O menino Maluquinho* (1980),

de Ziraldo, que livros infantis brasileiros contemporâneos têm o visual como centro, e não mais como ilustração e, ou reforço de significados confiados à linguagem verbal. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988, p.1287,128).

Como a literatura infantil é dona de uma modalidade de expressão, capaz de atingir as mais variadas produções literárias segundo tendências temáticas e estilísticas, enveredando por criações poéticas maravilhosas, do realismo cotidiano, do enigmático, e dos jogos lingüísticos, que engloba histórias ou temas reais ou fantásticos, misturando gente, animais, plantas, objetos, duendes e tudo que se possa imaginar, simbolizando ou simplificando situações humanas ou animadas, possibilitando tudo isso até num único texto. Mas ainda pode-se seguir uma vertente da renovação dos contos de fadas, enfocando a simbolização, a fabulação, o fantástico e o mundo maravilhoso da criança, que analisando melhor, essas criações vão remeter a uma arte renovadora, revelando assim o seu valor lúdico e didático em favor da arte literária infantil. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988).

Os contos de fadas revelam as origens de literatura infantil, cujo gênero atinge todo público leitor e principalmente o mirim. Da análise das criações mais recentes, podemos verificar a presença de uma arte renovadora na literatura contemporânea, provocando grandes motivações, que desperta na criança um estágio de desenvolvimento intelectual e psicológico, sem falar no prazer da fantasia, da recriação e influenciando no fator de ajustamento e de crescimento afetivo. Nesse sentido, como inversão de modelo de contos de fadas, podemos citar *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado (1979), que é protagonizada a partir de seu título assim como *Chapeuzinho Amarelo* (1979), de Chico Buarque, que expressa claramente que a escrita é um jogo criador e estimulador da criança, passando a desenvolver brincadeiras inteligentes que são criadas a partir de palavras, de idéias e imagens, levando o pequeno leitor a interagir com a história, onde a narrativa fala da sua própria construção e que a partir de uma história é criada uma nova história. Veja o que sentenciam. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988).

Outra obra onde o poder emancipador da palavra é a espinha dorsal do texto é *Chapeuzinho Amarelo* (1979), de Chico Buarque. De concepção bastante sofisticada a história retoma e reescreve alguns elementos da Velha e popular história do *Chapeuzinho Vermelho*. Na reescrita, o lobo passa a simbolizar uma espécie de arquétipo dos medos infantis, inventariados num texto de muita musicalidade. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988, p.156).

Se na história de *Chapeuzinho Amarelo*, Chico Buarque fez uma reescrita de *Chapeuzinho Vermelho*; na *História meio ao contrário*, como o próprio nome sugere, Ana Maria Machado, cria situações invertidas, narradas ao contrário dos tradicionais Contos de

fadas, que além de ser também uma reescrita das narrativas infantis, passa a ser também uma paródia. Inventando assim uma nova maneira de narrativas infantis; sendo uma inovação na literatura infantil contemporânea brasileira. Veja o que dizem sobre essa nova modalidade. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988).

De raízes antigas e da linhagem dos contos de fadas mais tradicionais são os textos com os quais dialoga a *História meio ao contrário* (1979), de Ana Maria Machado, que recupera, discute e inverte diametralmente situações e valores correntes nas histórias infantis. A inversão repercute no andamento da narrativa, que se abre pela fórmula que tradicionalmente encerra o conto de fadas. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988, p.156, 157).

Nos anos 60 e 70 deu-se uma nova etapa na sociedade brasileira, caminhando para uma sociedade capitalista mais avançada na produção cultural, com o aprimoramento de instituições, editoras, escolas que participaram ativamente na produção, edição e distribuição de livros infantis, formando assim uma literatura infantil contemporânea representada inicialmente por grandes escritores brasileiros como Vinícius de Moraes, Clarisse Lispector e outros com narrativas exclusivas para o público infantil. E assim surgiram os mais diversificados textos infantis contemporâneos que buscam conquistar um compromisso pedagógico e de entretenimento com narrativas fantásticas e imaginárias. E enquanto modalidades literárias constituem um objeto acadêmico.

3.3 Literatura Infantil na Escola

A leitura é um meio eficiente para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade: é um passaporte para o conhecimento e atuação na sociedade. Por isso não poderia estar dissociada da educação infantil, pois é na infância que se adquire o hábito de ler, sendo a escola, um segmento responsável pela formação de leitores, e se estes forem bem orientados, corresponderão às proposições, suas inquietações e até aos seus problemas de ordem intelectual, psicológica, ética, moral e social. São nos livros que as crianças encontrarão o caminho para o prazer estético, o ludismo e as fantasias, porém comprometidos, de certo modo, com a educação; logo com o real e com a experiência cognitiva, como é pretensão das escolas prepararem o aluno para a vida, para atuar plenamente na sociedade exercendo seu papel de cidadão.

Hoje a Literatura Infantil é considerada um elemento inseparável da questão escolar, que encontra na literatura um papel no desenvolvimento lingüístico e intelectual da criança a

partir do início da escolaridade. A escola tem a responsabilidade de ensinar a língua escrita de uma maneira formal desse ensino, mas não pode deixar de fazer uso da literatura infantil, que tem como função formadora atingir seu papel de arte literária sem distanciar-se da pedagogia. Portanto, não é tarefa do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente, é ainda tarefa sua, levá-la à compreensão de textos através de procedimentos da leitura, auxiliando o aluno na percepção de temas e levando-os a interação com o meio social e a partir daí formar um leitor crítico. (CARVALHO, 1983).

Já sabemos da importância que a literatura infantil possui na aquisição de conhecimentos, de ler. Baseados nisso, chamamos a atenção para a necessidade da aplicação correta de atividades que despertem o prazer da leitura, a qual deverá fazer parte da vida da criança; quer seja na escola ou no convívio do seu lar. O livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios, para que os filhos sigam o exemplo dos pais e não deixando esse dever apenas para a escola. Portanto, pode-se afirmar que a sociedade brasileira não assume um papel de leitores praticantes, ainda falta ser desenvolvida essa cultura de bons leitores. Nesta perspectiva, cabe a escola desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, e não por obrigação. Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a chance dela tornar-se um grande leitor quando adulto. Desta forma, através da leitura a criança vai adquirir uma postura crítico-reflexiva, referente à sua formação cognitiva que não acontece apenas na escola, mas em todos os momentos de sua vida e no decorrer de sua existência, pois somos eternos aprendizes. (CAVALCANTI, 2002).

“Quem conta um conto aumenta um ponto”, já diz o ditado popular. Um ponto de sensibilidade, de emoção, do encantamento pela vida, que existe entre ouvir e narrar histórias que traz pela oralidade um mundo novo. E como professores não podemos deixar morrer a arte de contar e ouvir histórias, precisamos restituir seu espaço, quer seja em casa ou na escola, que mesmo com um currículo pragmático, não se destitui do ato de contar histórias, fazendo com que esta arte não se perca no tempo e nem no espaço. Levemos em consideração que quando a criança ouve ou lê uma história e é capaz de comentar, duvidar, indagar ou até mesmo discutir sobre ela, estará realizando uma interação verbal, com confrontamento de idéias e pensamentos em relação aos textos que têm sempre um caráter coletivo e social. A criança adquire conhecimento na interlocução, que evolui por meio de confronto, da contrariedade, das interrogativas, que assim a linguagem constrói um pensamento, a partir do pensamento do outro, portanto uma linguagem dialógica, como afirma (BAKHTIN, 1992).

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p. 112).

Os contos de fadas desde os tempos remotos encantam a humanidade, quando ainda faziam parte da tradição oral, e sendo assim, as crianças não poderiam deixar de serem seduzidos também pela magia desses contos. E sobre isso *Moacyr Seliar*, em seu texto intitulado “*O conto se Apresenta*”, nos mostra a possível origem dos contos, através de uma linguagem encantadora, quando o autor começa apresentando-o ao modelo da metalinguagem, parecendo que o próprio conto fala com o leitor, contando sua própria história. (SCLIAR, 2002).

(...) Na verdade, somos velhos amigos. Você me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis rainhas, de bruxas, do Saci Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o conto de mistérios? Sou eu. O conto. (...) devo-lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota e dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. E de noite e uma tribo de nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada ao redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que ameaçam, aqueles enormes tigres, e outros mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note falo bem baixinho ao ouvido do velho: conte uma história para eles. E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas como a lua não é uma coisa muito boa para comer. De modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de ovo. E ela aparece no céu, brilhante. (...) No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas falam em mim, quando narram histórias sobre deuses monstros, sobre criaturas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. (...) Com a escrita, eu não existo mais somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, (...) E aquelas histórias sobre deuses, monstros, sobre criaturas fantásticas vão aparecer em forma de palavra escrita. (SCLIAR, 2002,p 16).

Na coletânea “Literatura em minha casa” organizada pela FTD, que tem como objetivo incentivar a leitura nas séries iniciais, beneficiando o corpo docente e seus familiares, uma vez, que os livros desse projeto são distribuídos para os alunos e que os mesmos podem levá-los para casa para serem lidos juntamente com sua família. Os Contos de Moacyr Seliar também fazem parte dessa coleção como, por exemplo, “A voz da consciência e outras vozes”, onde ele conta lembranças suas, de sua vida escolar, narrativas de fácil identificação

com o aluno/leitor nos tempos da escola. Esse tipo de leitura poderá ganhar um procedimento metodológico utilizado para enriquecer o trabalho do professor. Ou seja, ao passo em que são apresentadas as histórias infantis, assim também como os contos na sala de aula o aluno é motivado a discutir assuntos ou conteúdos importantes para sua educação.

Naturalmente, essa ação do governo federal tem sido uma experiência muito louvável para os nossos alunos, que muitas vezes além dos livros didáticos, não dispõem de mais nenhum livro em casa, para exercitar sua prática literária, e com a doação e divulgação dessa coleção “Literatura em minha casa”, nossos alunos possam desfrutar do prazer da leitura. Como consta nas obras apresentadas para nosso público infantil, podemos citar livros de grande qualidade literária como: “Os miseráveis” de Victor Hurgó, com tradução de Walcy Carrasco”, e o fantástico mistério de Feiurinha”, escrito por Pedro Bandeira, cujo autor utiliza-se desse livro para contar uma história onde reúne todos os contos de fadas em uma única narrativa; assim como acontece nas histórias de Shrek, o clássico das histórias infantis adaptado para a TV. Tudo isso dá uma grande contribuição para o trabalho dos professores que tem como preocupação um ensino de qualidade para seus alunos, aproveitando-se desses livros para criar uma rotina de leitura em suas salas de aulas, tornando assim o aprendizado muito mais dinâmico, atrativo e prazeroso. O que não vai garantir que só com esses recursos a prática da leitura ganhará um resultado 100% de qualificação, além da pedagogia utilizar-se dos contos e outros textos, literários, terá que ainda utilizar-se também como recursos, a avaliação, de seu trabalho de leitura escrita, no seu dia a dia na sala de aula.

Discute-se muito a respeito da Literatura Infantil como elemento formador e transformador da educação brasileira; o que não se entende o porquê dessa morosidade, já que o nosso país conta com imensos acervos literários nas mais variadas instituições escolares. Talvez o maior problema que estamos enfrentando atualmente é descobrir como fazer com que a escola trabalhe a literatura, já que muitos teóricos questionam que os textos literários não devem ser utilizados no sentido pedagógico, sendo a Literatura um único processo de leitura, de encantamento e de devaneio e não tem como papel educar ou servir de contexto de interdisciplinaridade escolar. Por outro lado, alguns defendem que além dos textos literários terem como objetivo provocar a alegria e o prazer do lúdico, possuem também a função da arte reveladora do mundo, cujo homem está inserido, atuando com sua dor, seu amor e suas imaginações que lhe farão crescer como pessoa humana, diante da leitura que ele pratica ou escuta.

Outra problemática enfrentada nas escolas, talvez seja o direcionamento da leitura exigida pelos professores, com cobranças e prazos exigidos para realização das leituras; sem

falar da imposição dos livros exigidos, sem opção de escolha por parte dos alunos. Depois vem a imposição das cobranças, o julgamento avaliando da capacidade de leitura das crianças, cobrando-lhes um bom desempenho de leitura, quando muitas vezes o próprio professor não está preparado nem ao menos para direcionar a leitura e muito menos para avaliar, já que este, na maioria das vezes não possui o hábito de ler e nem é conhecedor da obra literária exigida ou direcionada para seu aluno. (ABRAMOVICH, 1997).

Fazendo uso das histórias infantis, o professor pode trabalhar com seu alunado várias disciplinas, tornando a sua prática, uma dinâmica interdisciplinar, além de estar exercitando a leitura e a escrita. Um exemplo disto é a historia do “O patinho Feio”, onde o professor poderá também, com habilidade, aproveitar esse texto, para discutir em sala de aula as diferenças existentes entre os temas que estão implícitos na história em questão. Diante disso podemos afirmar a importante contribuição das histórias infantis para o trabalho realizado na sala de aula; talvez, o que ocorre na prática educacional é a má utilização desses recursos, dispondo de um riquíssimo incentivador de leitura, não são bem explorados como elementos norteadores e incentivadores para despertar o gosto pela leitura. Caso os textos literários sejam bem utilizados farão um trabalho que venha proporcionar ao aluo a formação que ele tanto precisa para torna-se um leitor fluente, tornando-o capaz de utilizar a língua portuguesa com eficiência nas diversas situações de comunicação social. Quanto a formação do leitor vejamos o que nos esclarece. (ZILBERMAN, 1994).

Preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre do fato de que ambas compartilham um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se tratem de produções oriundas de necessidades sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atuação sobre o recebedor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente a seus efeitos. Que esta é a meta da educação é fartamente conhecido, enfatizando-se em tal caso sua finalidade conformadora a padrões de existência e pensamento em vigor. (ZILBERMAN, 1994, p.21,22).

É necessário que compreendamos o educado como alguém que seja capaz de participar ativamente do processo de aprendizagem. Alguns problemas de aprendizagem que o aluno apresenta ter, em algumas situações reside, na falta de estímulos ou condições necessárias, oferecidas pela escola para que o educando possa desenvolver suas competências tanto na escrita quanto na leitura. Tais condições de competências, podem ser encontradas num trabalho realizado, a partir da utilização da literatura infantil, que como exemplo podemos citar obras de escritores brasileiros, elaborados a partir dos clássicos infantis, com uma outra roupagem, com um inovação; podemos dizer até que muito mais interessante, como “*História*

meio ao contrário”, de Ana Maria Machado. Vejamos o que tem a nos dizer sobre isso: (ZILBERMAN, 1994).

Procurou-se comprovar que a inserção da literatura infantil não apenas se faz nos quadros da escrita, como é desta relação que ela retira suas normas e valor. Isto significa sua personalidade à evolução da arte literária e a necessidade do compromisso do escritor com a iniciativa para o novo e o transformador. Por outro lado, não se quer dizer que as obras para crianças não absorvem recursos de outros meios de comunicação, sobretudo os de ordem ótica, como a exploração do visual, próprio tanto às artes pictóricas quanto a certos veículos de cultura de massa. [...]. (ZILBERMAN, 1994, p.83,84).

Quando nos referimos às histórias infantis, podemos citar o conto, tão antigo quanto à própria capacidade do homem contar e recontar histórias. Sendo assim na perspectiva do entretenimento, o conto de fadas, além de promover a aprendizagem, serve ainda para divertir, com seus textos bastante atraentes, ambientes sedutores e personagens que nos convidam a entrar num universo fantástico e maravilhoso. Além do conto, como sugestão de leitura e trabalhos didáticos, não podemos deixar de mencionar as fábulas, as lendas e até mesmo a poesia como recursos metodológicos.

Entende-se que o mundo literário serve para transformar a criança, com responsabilidade no contexto didático e lúdico. E que cabe a escola, aos professores e aos pais sensibilizá-las para a prática da leitura, dos contos, sem deixar se perderem no tempo as histórias, a cultura popular, sua identidade cultural que nasceu da cultura popular e que antes de ser considerada textos de entretenimento, serviam para fins didáticos como consideramos atualmente a literatura infantil. Por isso pretendemos encontrar meios que possam contribuir para uma melhoria na qualificação do ensino. E para isso objetivamos mostrar algumas contribuições oferecidas pelas histórias infantis. Como sabemos, um trabalho direcionado a leitura tem como fim a formação de leitores competentes. E para que esses leitores sejam formados, exige uma prática de leitura permanente na escola. E para que haja sucesso, são considerados valiosos o exercícios dos textos literários, uma vez que os mesmos com sua magia e encantamento, tem o poder de envolver os alunos, inclusive os alunos, inclusive aqueles que ainda não despertaram para a leitura convencional.

4 CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

“A escola que eu freqüentava era cheia de grades como prisões. E o meu Mestre, carrancudo como um dicionário: Complicado como as matemáticas: Inacessível como Os Lusíadas de Camões! Felizmente, à boca da noite, Eu tinha uma velha que me contava histórias... Lindas histórias do reino da mãe-d’água... E me ensinava a tomar a bênção à lua nova”.

4.1 Estudo de Caso

Optamos para a realização do presente trabalho pelo *estudo de caso*, pois com esta opção de pesquisa obteremos uma grande coleta de dados para análise das amostras selecionadas durante as investigações realizadas, cujas análises têm por objetivo pesquisar e compreender a prática de literatura infantil na sala de aula e o gosto dos educando pela leitura. Tomamos como referência o que pensa (GIL apud MATOS, 2001) é “o estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados”

Para a coleta de dados, utilizamos a *observação*, que partiu de registros realizados de imediato em fichas, associados a outros procedimentos, como o *questionário* e a *entrevista*. O primeiro foi direcionado aos professores e aos diretores ou responsáveis pelo atendimento ao público leitor, nas bibliotecas das escolas e a entrevista que é um tipo de observação muito utilizada em pesquisa educacional, optamos pela técnica do *grupo focal*, buscando coletar informações dos educandos através de sentimentos e opiniões expressa de uma maneira interativa, manifestando-se com ilustrações de ícones. Referente à estes procedimentos vejamos o que nos esclarece (GIL apud MATOS, 2001).

A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro. Devemos ainda lembrar que a observação deve ser: orientada por um objetivo de pesquisa, planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão. (GIL apud MATOS, 2001, p.58).

4.2 Análise das observações e entrevistas realizadas com os alunos.

A abordagem de um determinado tema sempre representa um desafio, e por se tratar de pesquisa, esta assume maior amplitude, uma vez que temos como proposta, pesquisar, identificar e analisar as experiências e dificuldades da leitura, a prática da literatura infantil na

sala de aula e o gosto dos educandos pela mesma. Trabalhamos com alunos dos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, como também verificamos a metodologia utilizada pelo seu professor, no desenvolvimento das atividades realizadas com a Literatura Infantil, ressaltando a importância da mesma no âmbito da educação, formação pessoal e intelectual da criança, quando ela descobre através da leitura o prazer do ato de ler, já que esta visa proporcionar a curiosidade, o interesse e as descobertas do mundo encantado através dos mais variados gêneros literários. Investigamos ainda nesta pesquisa a existência, a formação do acervo, a frequência e o responsável pela biblioteca da escola, para uma boa assistência ao público leitor. Formando ou transformando o aluno num legítimo leitor, capaz de não apenas decodificar as palavras, mas de lê-las e utilizar-se da leitura para sua cidadania e seu bem-estar social. Para reforçar tal intuito, veja a concepção estabelecida por Carvalho (1983).

A leitura é o meio mais eficiente de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade: é um passaporte para a vida e para a sociedade. Literatura é evasão, prazer estético, porém comprometido, de certo modo, com a educação, logo, com o real, com a experiência cognitiva. E é na infância que se adquire o hábito de ler; é na criança que estão todas as potencialidades e disponibilidades para o prazer da leitura. E é evidente também que se torna necessário abrir para a criança as janelas desse mundo maravilhoso...mas é preciso saber fazê-lo. A fantasia não é gratuita, é um instrumento de compensação de carências que a pobreza da realidade e a insatisfação do cotidiano provocam na sensibilidade da criança. A educação não atingiria sua consciência humanística e a aprendizagem não atingiria sua plenitude, sem o imprescindível hábito da leitura que, oportuna e bem orientada, responde às necessidades, às indagações e questionamentos do pequeno leitor. Os livros ajudam as crianças e os jovens a crescer, a encontrar caminhos e soluções para suas proposições, suas inquietações, seus problemas de ordem intelectual, psicológica, ética, moral e social. Mas, para que o livro realize seu objetivo maior, é necessário que ele preencha todos os requisitos da boa leitura e satisfaça os interesses do leitor. E só o conhecimento da Literatura da criança, com todas as suas implicações, pode permitir uma orientação conscientizada, e conduzir ao hábito de ler. (CARVALHO, 1983, p. 194, 195).

Como esta pesquisa trata-se de um *estudo de caso*, para a coleta de dados utilizamos a prática da *observação* de atitudes dos alunos diante da leitura, como também foi realizada uma entrevista interativa, onde o aluno respondeu as perguntas escritas, e esclarecidas pelo pesquisador, mediante ilustrações de ícones referentes a comportamentos e atitudes relacionados à leitura. Foram analisadas duas escolas da rede estadual de ensino. Sendo trabalhado com um 1º ano e um 2º ano em cada estabelecimento educacional; contando com a presença de 19 alunos no 2º ano em uma turma, e 22 alunos em outra, da mesma maneira ocorreu nas duas escolas; sendo analisada uma turma de 1º ano, com a presença de 17 alunos na sala, e a outra com 18 alunos, que muito contribuíram para a análise diante da observação

feita a aceitação das atividades voltadas para a Literatura Infantil, bem como a metodologia utilizada pelas professoras para trabalhar a literatura para crianças, na sala de aula.

Como apoio foi utilizado uma pauta de observação de atitudes diante da leitura, para analisar e compreender a aceitação pelos alunos, das atividades propostas, voltadas para a Literatura Infantil, na sala de aula. Que foi compreendido da seguinte maneira: sim ou não, para responder cada observação feita, dando como resposta o número de alunos que corresponderam a cada observação realizada; tanto dos 1º e 2º anos referentes a cada escola pesquisada.

Para melhor analisar, podemos concluir que os alunos demonstram entusiasmo no primeiro momento da leitura, mas que esse interesse vai diminuindo ao passo que essa prática literária continue a se desenvolver, de modo que eles começam a perder o interesse pela leitura e pelos livros, quer sejam como leitores ou como ouvintes. Notamos também que os 2º anos já possuem uma maior atenção pela prática da leitura, possuindo domínio maior sobre a mesma em relação os alunos dos 1º anos. Referente a esse interesse pela leitura vejamos o que tem a nos dizer (BAMBERGE apud CARVALHO. 1983).

“O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na Escola e continua pela vida afora através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e bibliotecas públicas”. (BAMBERGE apud CARVALHO, 1983, p.200 e 201).

Considerando como um instrumento que permite uma avaliação, a *entrevista interativa* utilizada para verificar a importância da leitura na vida do educando, constatou que a maioria dos alunos demonstraram um grande entusiasmo referente a um comportamento diante da literatura, expressando-se com ilustrações de caricaturas relacionadas às perguntas realizadas por eles próprios e pela pesquisadora, que concluiu que a maioria dos alunos tanto dos 2º anos, como dos 1º anos mostraram-se bem “relacionados” com a literatura, isto é, deixaram transparecer, expressando-se muito felizes pelos temas, pelas histórias com as atitudes e procedimentos de prazer diante do gosto pelas letras e pelos livros. Assim, as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem oportunidades para as mais variadas formas de desenvolvimento do hábito de ler: como participar de oficinas de leituras, frequentar livrarias, bibliotecas e feiras de livros são sugestões para desenvolver e tornar permanente o hábito da leitura. Só com a constante vivência de uma prática voltada para a leitura, será desenvolvido o gosto e o prazer da leitura com mais entusiasmo e interesse pelos textos literários.

4.3 Análise dos questionários aplicados para os professores

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, começando desde cedo, em casa, aperfeiçoando-se na escola, estimulada e apoiada pelos educadores e continuada pela vida inteira. Professores que oferecem uma prática literária, demonstrando seu gosto pela leitura estimularão muito mais o interesse dos seus alunos pela literatura, desenvolvendo nas crianças um hábito que poderá acompanhá-los por toda a sua vida, mesmo que seja num mundo como vivemos atualmente, cheio de tecnologia, onde todas as informações ou notícias, jogos, filmes, músicas, podem ser substituídos por e-mails, dvd's e cd's, ocupando o lugar do livro, porém devemos ter em mente que o livro não é coisa do passado, pois quem conhece a importância da literatura para a vida de uma pessoa, reconhece seu valor, sabe o poder que tem uma história bem narrada, sabe também que a tecnologia jamais substituirá o prazer de folhear as páginas de um livro e emocionar-se com a história lida, nesse mundo fantástico e encantador que é o livro. Veja o que nos esclarece Antunes (2004), o que fazer para formar o nosso aluno um leitor, sendo essa uma das tarefas essenciais do professor.

A época da vida mais propícia para a formação de hábitos, de incorporação de conhecimentos básicos, etc., é a infância. Assim, quanto mais cedo se forma um leitor, melhor. Desta forma, escola, dada as dificuldades das famílias, não pode perder a chance de fazer de seus alunos, leitores já nas primeiras séries de escolarização. Esta é tarefa essencial e básica para o professor. (ANTUNES, 2004, p.19).

Nos questionários respondidos pelas professoras, todos disseram destinar tempo para a prática da literatura infantil, sendo esse um período relevante a esse fim destinado a leitura na sala de aula, cuja atividade é considerada de suma importância na vida escolar de uma criança. Quanto à metodologia foi revelada, uma considerável variedade de modos de trabalhar a literatura para crianças, assim como foram citados diferenciados gêneros literários a serem oferecidos como prática de leitura, fazendo com que o espaço e o momento destinado à literatura torne-se mais agradável e proveitoso, estimulando-os a gostar de ler e com isso adquirir conhecimento e entretenimento para sua vida infantil, que lhe apoiará quando ele for um adulto, com opiniões formadas e preparado para uma vida feliz.

Todas as professoras investigadas analisam a Literatura Infantil, positivamente no processo ensino-aprendizagem, compreendendo que ler é o mais importante que a escola tem a ensinar, não apenas estudar os livros didáticos, algumas vezes sem sentido para os alunos,

mas desenvolvendo estratégias e procedimentos de leitura eficientes para viabilizar o ato de ler por prazer, para estudar e para se informar; essas são as grandes contribuições que a literatura oferece ao aluno, capaz de desenvolver e praticar a leitura no seu cotidiano escolar e em todos os momentos de sua vida. E como resposta sobre o possível desinteresse dos educandos pelas atividades de leitura, foi confirmado que possivelmente os alunos deixam de interessar-se como deveriam pelos livros, pelo fato de não ser desenvolvido esse hábito no seio familiar e por falta de apoio de sua família, com a educação de seus filhos e assim deixando de lado a leitura e dando mais espaço muitas vezes para a televisão, pois dá menos trabalho para ambos, ou seja, pais e filhos. Isso gera uma grande falta de compromisso com a escola, no que diz respeito à família e também aos professores que muitas das vezes são descomprometidos com sua missão de educador.

4.4 Análise dos questionários respondidos pelos gestores.

Depois de já ter falado de assuntos que tratam da formação do aluno/leitor e do professor/leitor, faz-se necessário agora dedicarmos nossa atenção também para a *biblioteca da escola*, que é considerado um espaço privilegiado nas escolas brasileiras; mas o que vai garantir sua existência e seu valor é o uso que dela é feito. Isto só acontece quando a biblioteca tem mesmo cara de lugar de leitura; quando o ambiente é organizado, dinâmico, vivo e freqüentado por alunos, professores, toda a comunidade escolar e até pelos familiares dos alunos. Assim podemos confirmar que a escola conta com uma biblioteca, e que esta não serve como lugar para o aluno indisciplinado ficar de castigo, se é que ainda existe essa prática de punição para o aluno e utilidade para o espaço que pode ser considerado um lugar que se tenha vontade de voltar sempre, não para fugir da sala de aula, mas para passear, sonhar e viajar navegando através dos livros, fazendo parte de lindas histórias. Para nos falar mais sobre esse espaço tão útil e necessário, observamos o que tem a nos dizer (ABRAMOVICH, 1997).

Em todo caso, bibliotecário ou professor, seria bom estar atento também a isto: certa vez, fazendo um levantamento com crianças sobre literatura infantil, me assustei com o fato de que a maioria não conhecia o nome dos autores, mesmo daqueles que haviam escrito história que mais amavam... E quando é importante dizer o nome do autor, mesmo quando a criança ainda é pequena, não sabe ler, e só escuta a narrativa... tornar constante a apresentação do nome verdadeiro e completo da história e do escritor, pois compreender o que é uma obra e o que significa autoria só pode acrescentar... mesmo se o que estiver escutando ou lendo for material de cultura popular, for de autor desconhecido, que se diga e se informe também quem compilou, que recolheu e de onde provém aquela lenda, aquele conto popular, aquele caso... E também quando a criança for maior, ensinar a buscar as

referências completas do que procura e do que acha (inclusive o nome da editora, da coleção ou da série), para poder seguir a trilha, acompanhar o autor ou ilustrador, conferir o gênero... (ABRAMOVICH, 1997, p.160).

Diante dos esclarecimentos citados acima por Abramovich, tomamos conhecimento que a biblioteca deve ser um lugar, que além de servir para leituras, vai muito além disso, deve atender ao plano pedagógico, norteando seu trabalho para as mais diversas funções informativas, esclarecedoras, e para que isso ocorra de uma maneira direcionada corretamente, a biblioteca tem que contar com uma pessoa preparada e pronta para servir ao público leitor, para que aquele espaço funcione plenamente, como plena deve ser a leitura e o conhecimento.

Ao analisarmos os questionários direcionados para os gestores ou bibliotecários das duas escolas trabalhadas, nesta cidade, constatamos que nenhuma conta com um bibliotecário, pois ambas tem como responsáveis outras pessoas trabalhando na biblioteca. Quanto ao acervo é constituído de literatura infantil e juvenil, e que a freqüência dos alunos à biblioteca é acompanhada e direcionada pela professora e espontaneamente também. Tanto uma escola como a outra desenvolvem projetos de leitura e escrita, dando suporte à prática literária e conseqüentemente a escrita.

Ciente da importância da prática da leitura para os indivíduos, foi criado pelo Governo Federal o projeto “Literatura em minha casa”, objetivando melhorar os níveis de leitura de alunos das escolas públicas, com a doação de livros para os alunos levarem para casa e saborearem o gosto da leitura em família, de forma que todos fossem envolvidos nesse Processo e não somente aqueles que estão freqüentando a escola. Essa coleção conta com belíssimos contos, poemas e outros gêneros escritos por autores que fazem parte dos clássicos da Literatura Brasileira, tais como, Ana Maria Machado, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Ruth Rocha, Manuel Bandeira e outros mais renomados autores.

Com este propósito, buscamos desenvolver estratégias direcionadas para a prática literária, de modo a despertar o gosto pela Literatura Infantil, de uma variedade e qualidade literária e sejam os critérios mais importantes que o professor possa considerar na hora de praticar a leitura com seus alunos, e que a palavra seja valorizada através de sua importância como força transformadora, e os alunos possam desenvolver o gosto pela leitura ao descobrir o prazer do conhecimento, quer seja na sala de aula ou nas bibliotecas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises empreendidas durante este trabalho, concluímos que a Literatura Infantil é um fenômeno, que faz parte da cultura de um povo, e isso nos leva a crer neste estudo, que a leitura seja capaz de transformar pessoas, de incentivar crianças desestimuladas pela prática literária a transformar-se em ativos leitores, servindo-se desta como passaporte para a formação e transformação do aluno no ensino-aprendizagem. A utilização da literatura infantil na sala de aula é considerado um excelente método para a leitura e escrita através dos mais variados gêneros literários, contribuindo assim na ampliação do vocabulário, na produção textual, em fim no desenvolvimento intelectual e no uso corretamente da língua oral e escrita, pois o conhecimento lingüístico só acontecerá quando obtem-se o conhecimento semântico.

Considerando o atual sistema de ensino, torna-se urgente uma nova proposta de trabalho nas escolas para motivar nossos alunos a ler e a escrever. Daí faz-se necessário que a escola não trabalhe apenas com textos didáticos e até mesmo o literário, que muitas vezes tornam-se sem sentido para as crianças, mas desenvolvam estratégias procedimentais de leitura e escrita de forma eficiente para despertar a viabilização da eficácia do ato de ler que se manifesta no “ler por prazer”, “ler para estudar” e “ler para se informar”. Com este propósito busca-se elaborar atividade a serem desenvolvidas na Primeira fase do Ensino Fundamental, de modo que o prazer de ler deve ser incentivado pela variedade e qualidade literária e que sejam os critérios mais relevantes considerados pelo professor na hora de incentivar a leitura, para que esta tenha o poder transformador e os alunos possam desenvolver o gosto pela literatura ao descobrirem o prazer da leitura, levando-os ao conhecimento de si e do mundo.

Visando despertar o aluno para o gosto pela prática literária é que recorre-se a literatura infantil, quer seja através da poesia, dos contos de fadas, das Fábulas, do Folclore, enfim de uma literatura que se identifique com a criança, que desperte nela o mundo mágico que existe dentro dela e a transforme em um leitor disposto para compreender e analisar o mundo em que vive, de maneira feliz e preparado para os desafios da vida, que por ventura possa lhe aparecer nos seguimentos sociais e culturais.

Diante desta perspectiva de pesquisa sabemos que professores e pais são os principais responsáveis por criar definitivos laços na criança com a leitura, formar bons leitores e determinar seu modo de crescer e aprender, mesmo ao sair da escola, inserindo-se na sociedade, com sua profissão, seus direitos e deveres de cidadãos. E para que essa proposta seja realizada, entendemos que a leitura seja a maior contribuinte; uma vez que tenha quem a

conduza, valendo-se de métodos adequados, que chamem a atenção dos educandos, e que estes sejam seduzidos pela literatura, como leitura lúdica, abrindo caminho para o resgate do hábito da prática literária, com o encantamento dos livros, descobrindo assim o fantástico, o maravilhoso mundo da fantasia.

E para que o trabalho com a literatura infantil proporcione prazer e aprendizagem é importante na sala de aula, que se tenha um professor que goste de ler, um professor reflexivo e que se identifique como educador capaz de transformar uma “deficiência de aprendizagem”; levando seus alunos a construir seu próprio conhecimento, instigando-os a encontrar sua própria identidade como educando e como indivíduos capazes de agir e reagir e que saibam viver em sociedade. E como diz *Paulo Freire*, “aprender a aprender”, mesmo que seja através dos contos maravilhosos; esse também pode ser o papel da Literatura.

Durante este trabalho algumas questões se colocam, não como argumentos conclusivos ou verdadeiros irrefutáveis e únicas, mas tão somente como análises baseados em questionários, entrevistas e observações de práticas de leituras por parte dos educandos, assim como a metodologia utilizada pelas professoras para o desenvolvimento da literatura trabalhada na sala de aula. Conduzida pelo imediatismo da observação da experiência da leitura praticada e trabalhada pelas professoras e pelos alunos respectivamente em classe, estendendo-se essa análise até às bibliotecas, entende-se, de acordo com esta pesquisa, que a prática literária apresenta-se relativamente aproximada às práticas metodológicas consideráveis de acordo com as teorias vigentes de estudos de leituras, assim também como as bibliotecas seguem padrões de ambientes de estudos considerados por analistas desse assunto.

As análises foram realizadas através do *estudo de caso*, tiveram como objeto pesquisar e compreender a prática da literatura infantil na sala de aula e o gosto dos educandos pela leitura. Valeram-se para estudo duas escolas da rede estadual do Ensino Fundamental compreendendo alunos do 1º e 2º anos, professores e gestores das Escolas: Escola Estadual de Educação Fundamental Desembargador Boto e Escola Profissional Monte Carmelo, ambas localizadas nesta cidade de Cajazeiras, sendo entrevistados, observados e analisados trinta e cinco alunos do 1º ano e quarenta e um alunos do 2º ano nas duas escolas pesquisadas, onde foram detectados uma boa aceitação pelos alunos das atividades desenvolvidas com a literatura infantil, assim como o interesse pelos textos literários e a metodologia de ensino trabalhada na sala, realizada de modo a atender um tempo considerável a prática de leitura e à variadas maneiras de trabalhar os textos, levando em consideração a diversificação dos gêneros literário e o acervo das obras literárias apresentarem direcionadas à Literatura Infante-Juvenil.

Para compreensão deste estudo, ainda podemos considerar como análise uma entrevista interativa realizada com os educando, cuja foi possível a partir das respostas apresentadas através de ilustrações de ícones, entender o interesse e o gosto pela literatura, concluindo que há um certo interesse pelos textos literários e que os mesmos já estão sendo introduzindo nos estudos de ensino-aprendizagem nas escolas da rede pública estadual e nas séries iniciais, preparando assim o aluno para ser um leitor ativo, valendo-se dessa prática para a aquisição do conhecimento e valendo-se principalmente do entretenimento de narrativas fantásticas, e imaginárias, enquanto modalidades literárias.

As observações desta Pesquisa feita nas escolas, contribuíram para construção de análises sobre a Literatura infantil na sala de aula e o gosto dos educando pela leitura, mostrando como, está sendo trabalhado a prática literária nas escolas, cuja prática, busca desenvolver estratégias direcionadas à leitura, de modo a despertar o gosto pelos textos literários, valendo-se dos mais diversificados gêneros textuais, assim como projetos de leitura e escrita e constituição de obras de acervos variados nas bibliotecas, que valorizam a prática literária, de modo a enfatizar a importância da leitura como força transformadora do conhecimento e do prazer.

Para conclusão, como pesquisadores e professores podemos admitir a problemática que se observa nas salas de aulas, que podemos classificar como falta de compreensão de textos lidos e dificuldades na escrita, lembrando ainda o desinteresse ou a falta de hábito de leitura, talvez um seja consequência do outro, que gera um bloqueio no ato de ler, dificultando todo um processo de ensino-aprendizagem. Mas diante desta pesquisa realizada nasce a esperança, que com a concretização da leitura eliminará muitos “vilões” que são constantes nas escolas públicas como: a reprovação e a evasão escolar. Pois quando o aluno consegue ler, ele se identifica muito mais com o ambiente escolar, já que a leitura “abre horizontes”, soluciona problemas, gera uma nova visão de mundo. Outro recurso que poderá facilitar a capacidade de leitura poderá ser a escolha do livro, pois um bom livro é fundamental para cada fase e formação da criança. Para os leitores mirins, as cantigas de roda, as fábulas e os Contos de fadas; fazendo com que o mundo mágico da fantasia despertem a curiosidade e a criatividade do leitor. E pensando nisso pretende-se incentivar o desenvolvimento da leitura dos gêneros literários, na sala de aula, visando encontrar uma maneira gostosa da leitura lúdica através da Literatura Infantil, para contribuir na formação de leitores, melhorando sua aprendizagem e despertando o prazer pela leitura.

REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bolices**. 5ª edição. São Paulo: Scipione, 1997.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e Formando Leitores: Orientações para o trabalho com a leitura infantil**. São Paulo: Global Editora, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. (ABNT). **Informação e Documentação. Referências – Elaboração** (NBR 60 23). Rio de Janeiro: Ed. Atual, 2002.

BANDEIRA, Pedro . **O fantástico mistério de Feurinha: Literatura em minha casa**. Vol.5 – Teatro. 1º Ed. São Paulo. Editora FTD, 2001.

BAKHTIN, Mikhail V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. Editoria Brasiliense. São Paulo: 2006.

CARVALHO, Bárbaro Vasconcelos. **A Literatura Infantil: Visão histórica e crítica**. 2ª edição. São Paulo: Edart, 1982.

CASASANTA, Tereza. **Criança e literatura infantil**: 4ª edição. Belo Horizonte: Editora veja/MEC, 1974.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de Fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____ **Literatura: Teoria. Análise Didática**. São Paulo: SENAC.

_____ **Ensino da Literatura: I/Comunicação e Expressão**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1975.

COELHO, Betty. **Contar Histórias uma Arte sem idade**: São Paulo: Editora Ática, 1989.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: A leitura Literária na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**: 9ª edição. Editora Ática. São Paulo: 1999.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. Vol. 4. 1º Ed. São Paulo: Editora FTD, 2001.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias**. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1988.

OLIVEIRA, Bernadina Maria Juvenal Freire. **Conversas sobre Normalização de Trabalhos Acadêmico**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SCLIAR, Moacyr. **O conto se apresenta.** Jornal do MEC, nº 20, p. 16, Brasília: agosto de 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** 8ª Ed. São Paulo: Editora Global 1994.

ANEXOS

ESCOLA:
SÉRIE:
NÚMERO DE ALUNOS:

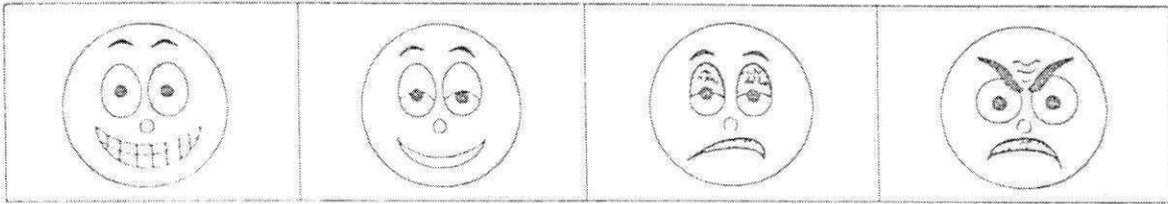
Lista de observação de atitudes diante da leitura

	SIM	NÃO
Pareceu contente durante as atividades de leitura?		
Pedi para ler em voz alta espontaneamente nas aulas?		
Leu algum livro durante seu tempo livre?		
Mencionou ter lido algum livro em casa?		
Escolheu a leitura em vez de outras atividades (baralho, pintar, conversar, etc.)?		
Pedi permissão para ir à biblioteca?		
Pedi livros emprestados na biblioteca?		
Leu a maioria dos livros até o final?		
Mencionou livros que tem em casa?		

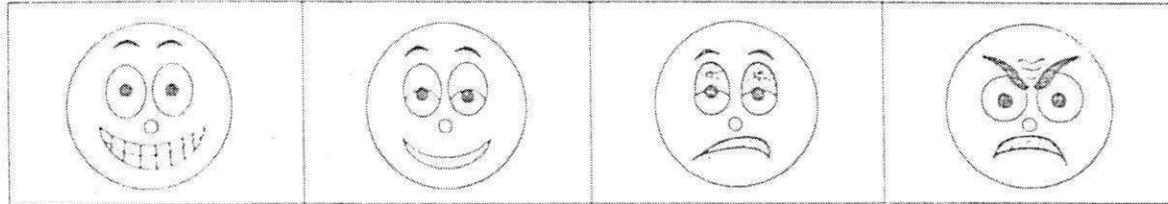
NTE: Giasson e Thériault, 1983.

Nome..... Série.....

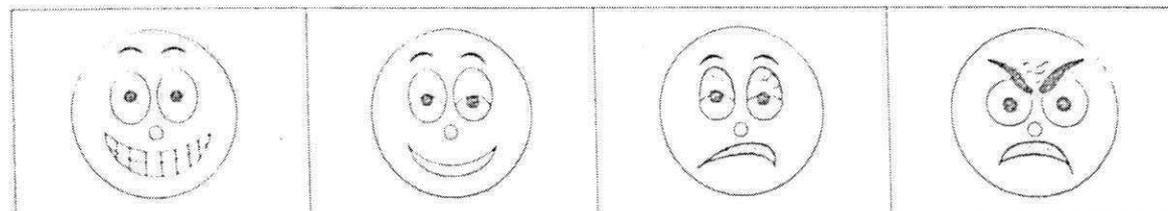
Como você se sente quando ganha um livro de presente?



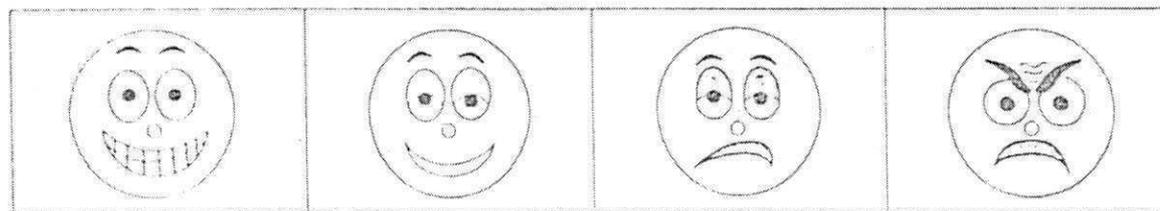
Como você se sente quando gasta seu tempo livre lendo?



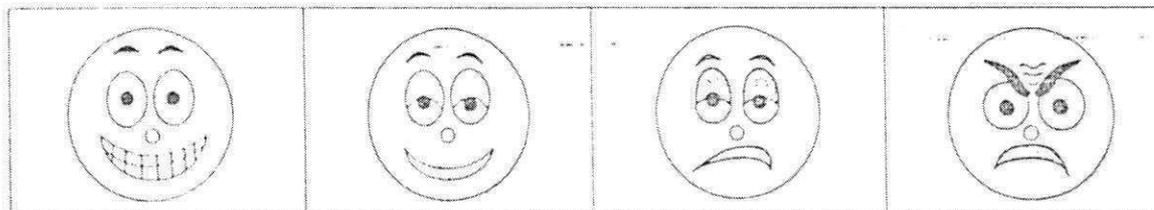
Você acha que vai gostar de ler quando for maior?



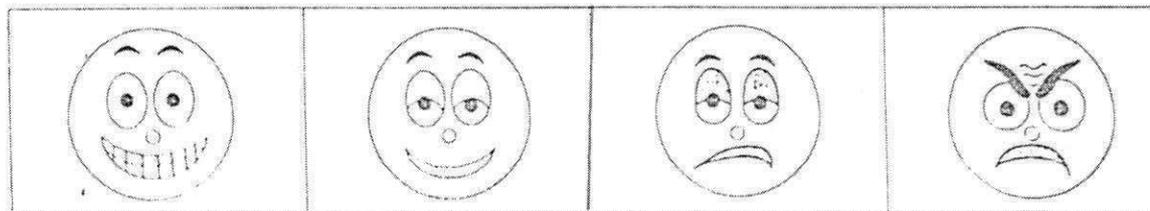
Como você se sente quando vai a uma livraria?



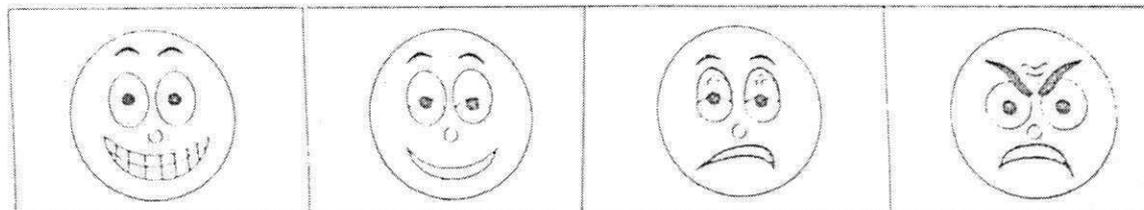
Como se sente quando lêem uma história para você?



Quando vai à casa de um amigo, gosta de ler os livros dele?



Como se sente quando lêem poemas para você?



ESCOLA:
PROFESSOR(A):
CURSO:
SÉRIE:

1º Que tempo você costuma destinar para atividades de literatura infantil, com seus alunos, na sala de aula e na biblioteca?

2º Que métodos são utilizados para a realização de leitura com os mais variados gêneros literários?

3º Que gêneros literários despertam mais interesse em seus alunos?

4º Como você analisa a literatura infantil no processo ensino-aprendizagem?

5º A que você atribui o possível desinteresse dos alunos pelas atividades de leitura?

ESCOLA:

GESTOR(A) OU COORDENADOR(A) PEDAGÓGICO(A):

1. A escola conta com uma biblioteca ?

- Sim Sala de Leitura
 Não Outros

2. Como se classifica a formação do acervo existente nesta biblioteca?

- literatura infantil multimeios
 literatura juvenil digitais
 enciclopédia virtuais

3. Como a biblioteca é freqüentada pelos alunos?

- espontaneamente
 direcionados pelo professor(a)
 acompanhados pelo(a) professor(a)
 para leitura recreativa

4. Quem são as pessoas responsáveis pela biblioteca ou sala de leitura?

- um funcionário
 um(a) professor(a) com função readaptada
 um(a) bibliotecário(a)
 outros

5. No momento, que projetos voltados para a literatura Infantil a escola desenvolve?